FIDEL. A ESTRATÉGIA POLÍTICA DA VITÓRIA

Marta Harnecker

FIDEL. A ESTRATÉGIA POLÍTICA DA VITÓRIA

EXPRESSÃO POPULAR

Ao heróico povo de Cuba e a seu líder indiscutível, Fidel Castro, cujo exemplo de dignidade, unidade, resistência e solidariedade serviu de alento e de inspiração a todos os que na América e no mundo lutam por um mundo melhor.

Sumário

Apresentação à edição brasileira 9

Apresentação 15

Prefácio 21

O movimento 26 de julho e o partido ortodoxo 25

Condições objetivas para a revolução
e o papel da vanguarda 41

Caráter da revolução e correlação de classes 51

A via armada só depois de esgotarem-se
os recursos institucionais 57

A propaganda:
elo decisivo durante a prisão e o exílio 65

Etapas na constituição do bloco contra Batista 77

Diferentes pactos com forças burguesas 89

Conclusões 105

Anexo: O partido único em Cuba e
a questão da soberania nacional 115

Apresentação à edição brasileira

Cuba é um pequeno país, com menos de 115.000 km2, ou seja, um pouco maior que o Estado de Pernambuco. Em 1959, ano da vitória da Revolução, tinha 6 milhões de habitantes; hoje, tem cerca de 10 milhões, isto é, o equivalente à população da cidade de São Paulo. Esta ilha caribenha foi descoberta por Cristóvão Colombo, e a última colônia a conseguir libertar-se do domínio espanhol, o que só aconteceu em 1901. As lutas pela independência foram constantes. Em 1868, sob a liderança de Carlos Manuel de Céspedes, Ignacio Agramonte, Máximo Gomez e Antonio Maceo, iniciou-se a chamada Guerra dos 10 Anos, contra os espanhóis, durante a qual foi promulgada a primeira Constituição cubana. Em 1891, José Martí, intelectual e militante, fundou o Partido Revolucionário Cubano e, unindo os líderes da Guerra dos 10 Anos, então exilados,

reiniciou a luta. Embora Martí tenha sido morto em combate, em 1897 Cuba conseguiu sua autonomia da Espanha.

A ilha está situada a 180 km dos Estados Unidos. Já naquela época este vizinho poderoso era dono de terras, usinas de açúcar, bancos, propriedades urbanas em Havana, etc. e assim, para garantir seus interesses econômicos, propôs-se como mediador da negociação dos rebeldes com a Espanha, e roubou a independência cubana. Para tanto, foi anexada à nova Constituição a chamada Emenda Platt, que transformava Cuba num protetorado norte-americano, que podia inclusive sofrer intervenções, o que, de fato, ocorreu. A Emenda Platt só foi revogada em 1934. Em 1939, o então sargento Batista deu seu primeiro golpe. Diretamente no poder ou eminência parda de presidentes fantoches, Batista governou Cuba com mão de ferro durante vinte anos, até que o triunfo da Revolução o obrigou a fugir do país, em 31 de dezembro de 1959.

Os índios siboneys, primeiros habitantes do país, foram exterminados, em grande parte devido às esgotantes condições em que cultivavam o tabaco para os colonizadores espanhóis. Foram sucedidos no plantio do fumo por pequenos agricultores, porque a cana passara a ser o principal produto de exportação e o principal interesse dos colonizadores espanhóis e dos usineiros norte-americanos. Por isso, os pequenos agricultores, de que fala Fidel em um dos discursos citados neste livro, expulsos das terras planas, refugiaram-se nas montanhas que se situam, principalmente na província de Oriente, a leste de Cuba, onde está também, a Sierra Maestra.

A toda essa opressão e espoliação corresponderam guerras - que já eram de guerrilha - a que por sua vez correspondia uma feroz repressão e mais ódio do povo contra os que o dominavam. Pelas guerras contra o domínio espanhol; depois, contra as ditaduras de Machado e de Batista e até hoje, contra o bloqueio que os Estados Unidos lhe impuseram, a história de Cuba é uma história de opressão, repressão e luta pela liberdade. Essa história explica, em parte, o processo revolucionário. O povo cubano - como os nossos povos latino-americanos - tinha uma tradição de sofrimento e de heroísmo. A atividade de Fidel consistia em lembrar-lhe os fatos, mostrando a necessidade e a possibilidade de superar o passado e começar a construir o futuro.

Com a vitória da Revolução, toda a população foi alfabetizada e, mais do que isso: o estudo se tornou obrigatório até a sexta série. As escolas secundárias se multiplicaram. Como se trata de um país pobre, os jovens mantêm as escolas, cuidando das plantações de cítricos que as cercam. Passam a semana na escola, onde têm, também, atividades esportivas e culturais. Quem quiser, pode cursar a Universidade. O ensino é gratuito em todos os níveis.

A atenção à saúde da população permitiu ao país atingir uma das taxas de mortalidade infantil mais baixas do mundo, equivalente à da Suécia. Estando a população alimentada e praticando esporte, a média de altura das pessoas aumentou 5 cm nos primeiros dez anos depois da Revolução... Hoje, Cuba, que perdera, no êxodo que se seguiu à vitória da Revolução, a metade de seus 6.000 médicos, formou tantos outros que os tem enviado em

missões de solidariedade aos países da América Central e da África que, abalados por guerras ou catástrofes naturais - como o terremoto em Manágua - precisaram de ajuda.

Para resolver o problema de habitação as famílias foram transferidas para as moradias abandonadas pelos que deixaram o país nos primeiros anos da Revolução. E como aquelas casas não bastassem, os cubanos constituíram "mini-brigadas" nas grandes empresas do país - 33 companheiros que, liderados por uma pequena equipe de profissionais, eram destacados para construir conjuntos de apartamentos para os funcionários daquela empresa. Enquanto isso, seu trabalho era executado pelos que permaneciam em seus postos. O bairro de Alamar, perto de Havana, surgiu desta forma.

As mulheres continuaram a participar ativamente do processo revolucionário assumindo postos nas fábricas, escolas, hospitais, etc. De fato, para garantir alimentação, educação, saúde, habitação, vestuário para uma população inteira, exigia muitos tabalhadores. Para tanto, as mulheres tiveram garantida creche - os "círculos infantis"- para seus filhos. Os homens passaram a participar das tarefas domésticas, o que, aliás, constitui um dever inscrito na Constituição.

Os êxitos alcançados no esporte são bem conhecidos. De um país sem nenhuma expressão nas Olimpíadas, Cuba se transformou numa potência esportiva. Todo o esporte é amador, ou seja, os que o praticam conciliam-no com o trabalho.

Além das restrições representadas pelo bloqueio norte-americano e pelo fim da integração no bloco socialista, Cuba enfrenta o problema da pobreza de seus recursos

naturais. Ao contrário de nosso país, o único minério de que dispõe é o níquel, cujas reservas passaram a ser exploradas depois da Revolução. A água também é escassa, devido ao desmatamento efetuado durante toda sua história pelos grandes proprietários de terra, em beneficio da cana. Por isso, construíram, depois da Revolução e ainda com tecnologia soviética, uma central nuclear na Província de Camaguey, para abastecimento de energia.

Para romper a monocultura da cana – hoje produzem 4 milhões de toneladas de açúcar – os cubanos passaram a produzir também cítricos que obtêm melhores preços no mercado internacional. Também exporta medicamentos e tecnologia na área de saúde.

Aproveitando as belezas naturais da ilha e também o interesse que desperta sua experência pioneira na América Latina, Cuba transformou o turismo em sua principal fonte de divisas. Em 1999 recebeu 1,8 milhões de pessoas.

Este livro nos faz conhecer um pouco mais da história econômica e política de Cuba. A Editora Expressão Popular decidiu publicá-lo por considerar que, além de seu interesse histórico, tem para os lutadores do povo interesse muito especial porque: 1) a realidade cubana de 40 anos atrás tem semelhanças com a nossa, hoje. A descrição de povo que faz Fidel, por exemplo, nos serve, assim como as desigualdades que permeiam nossa sociedade ou, ainda, a necessidade da luta contra a corrupção que, em Cuba, deu início ao processo revolucionário, com o suicídio público de Chibás. 2) O livro deixa claro que todos os revolucionários são necessários à vitória, embora alguns ponham em prática

uma tática e uma estratégia mais adequadas para fazer avançar o processo revolucionário. 3) Ninguém é o único dono da verdade e da luta, ou seja, o sectarismo nos isola e, portanto, deve ser evitado e combatido. 4) É preciso ter clareza quanto aos princípios de que não podemos abrir mão, distinguindo-os das concessões que podemos fazer ao por em prática uma política de alianças. Ou seja, ter claro quem é o amigo e quem é o inimigo, em cada etapa da luta, o que, no livro, parece fácil, mas, na prática, não é. 5) Sem participação popular, não existe revolução. O trabalho de organização, de esclarecimento e convencimento, a publicação e distribuição de artigos, discursos e panfletos permeia todo o livro, porque permeou todo o processo revolucionário.

Não podemos encerrar esta apresentação sem agradecer a autora pela doação que fez à Editora Expressão Popular dos direitos autorais da edição brasileira. Assim, não só com seu trabalho, mas também com este gesto, Marta Harnecker, esta intelectual revolucionária, colabora com o processo de transformação econômica, política e social em nosso país.

São Paulo, maio de 2000
Ana Corbisier

Apresentação

Miguel Urbano Rodrigues[1]

Há centenas de livros publicados, em muitos idiomas, sobre Fidel como estrategista militar e estadista. Ao contrário, são poucas as obras, inclusive em Cuba, que se ocupam da estratégia política de Fidel, sobretudo na fase decisiva que precede o ataque ao Quartel Moncada e termina com a derrota da tirania e a conquista do poder pelo Exército Rebelde.

Marta Harnecker abordou este tema difícil em um livro publicado em vários países da América Latina em 1985 e 1986.

Trata-se de uma obra didática, de grande riqueza conceitual, apesar de suas poucas páginas.

---

1 Jornalista, deputado, ex editor chefe do jornal Avante, do Partido Comunista Português.

Na realidade, a estratégica política de Fidel na época citada pode ser deduzida de seu discurso político. No entanto, não é tarefa fácil identificar entre as milhares de páginas do homem de estado, do militar, do pensador político, o que, especificamente, deixa claras suas concepções estratégicas no campo da política.

Os grandes biógrafos de Fidel provavelmente ainda não nasceram. Adquiriu sua consciência revolucionária na Universidade, mas sua formação teórica se estruturou mais tarde, em um processo molecular, complexo, no qual o tempo passado no Presídio Modelo foi determinante, como o confirmam as cartas enviadas da prisão, citadas neste livro.

O breve ensaio de Marta trata do período compreendido entre o início dos anos 50, antes do assalto ao Moncada e a vitória da Revolução, em 1º de janeiro de 1959, com a peculiaridade que a autora recorre com freqüência a cartas e a discursos posteriores de Fidel, cuja exegese é importante para a compreensão do que pretende demonstrar.

É arriscado destacar capítulos ou temas em um livro como este, em que tudo se integra com harmonia, mas parece útil chamar a atenção para o que Marta Harnecker escreve sobre a prioridade atribuída por Fidel, desde sua juventude, à problemática da construção da vanguarda revolucionária.

Na Europa, por exemplo, o Moncada, segundo os teóricos da ortodoxia marxista, nunca passou de um ato de aventureirismo político. Na realidade, como a autora nos lembra, foi uma peça fundamental na estratégia política que Fidel começava a elaborar. O Moncada definiu, de certa forma, o rumo posterior da história.

O livro, muito original do ponto de vista metodo-

lógico, faz do acúmulo de evidências esquecidas, ou quase esquecidas, o material básico da análise.

Marta nos lembra que Fidel tinha, desde a Universidade, uma perspectiva marxista da história, mas evitou durante muitos anos o uso de um discurso marxista. Sabia que apenas com o apoio do povo, com a mobilização das massas, poder-se-ia conquistar o poder. O tipo de discurso utilizado foi inseparável de sua estratégia política.

Em seu livro, a autora consegue algo que é sempre muito difícil: emprestar força de evidência ao óbvio, como dizia Albert Camus. Trabalhando com discursos de épocas muito diferentes, procura, como cientista política, demonstrar como, partindo da existência de condições objetivas favoráveis à revolução, o líder do 26 de Julho age de maneira que permita criar um quadro favorável à aceleração do processo de tomada de consciência das massas. A certeza de que sem a adesão e a participação do povo não há revolução possível, foi uma constante no pensamento político de Fidel.

Marta nos ajuda a compreender acontecimentos e situações que confundem com freqüência os historiadores europeus e norte-americanos, como a resposta maciça do povo à greve geral convocada por Fidel para 1º de janeiro de 59, depois da fuga de Batista.

"As massas populares, que para um olhar menos atento eram espectadoras passivas da luta na Serra, escreve, se transformaram nos atores decisivos do triunfo revolucionário".

A Revolução Cubana será sempre – tal como a Francesa de 1789 e a russa de outubro de 1917 – tema de uma

investigação fascinante e infindável. Marta Harnecker não pretende fazer história. Oferece-nos, sem se afastar da temática da estratégia política de Fidel, uma reflexão inteligente sobre questões como a via armada e o esgotamento da luta no terreno institucional e a unidade possível contra a tirania.

O capítulo dedicado ao diálogo com forças da burguesia constitui por si só uma aula sobre a arte de Fidel como arquiteto de uma política de alianças, mantida sem quebra de princípios. São páginas em que, pela mão da autora, o leitor sai dos habituais labirintos analíticos para acompanhar o pensamento de Fidel na longa marcha que vai desde o Pacto do México até o Pacto de Caracas, passando pelo Manifesto da Serra. Torna-se transparente que as frentes políticas possíveis traduziam, de um lado a correlação de forças sempre instável e, do outro, os objetivos de uma vanguarda que – além do regime de Batista – sonhava, sem explicitá-lo, com a transformação da revolução em marcha para uma futura revolução socialista.

Ao finalizar seu livro, Marta Harnecker – intelectual para quem a revolução constitui uma causa suprema – extrai algumas lições do combate permanente de Fidel para lograr a unidade das forças revolucionárias em vários períodos da epopéia cubana.

Ninguém como ele lutou por essa unidade, transformando-a no pilar de sua estratégia política. Fidel sabia que o mais difícil viria depois da vitória.

A insistência com que Marta chama a atenção para o papel do povo como sujeito na concepção de Fidel sobre o desenvolvimento da história, não é acidental.

O próprio Fidel nos lembra – suas palavras estão na última página – que o herói coletivo da Revolução era "o povo sem uniforme"; e acrescenta "realmente tínhamos feito algo superior a nós mesmos".

Estamos diante de uma obra militante, de modéstia revolucionária. Esta reflexão didática sobre a estratégia política de Fidel tem, no entanto, entre outros, o mérito de dar força de evidência ao óbvio, como dizia Camus. Os pequenos detalhes esquecidos iluminam muitas vezes a história profunda e o caminhar do homem. O livro, creio, é muito útil para a juventude cubana[2].

12 de maio de 1999

2 Marta Harnecker, "Fidel. La Estrategia política de la victoria", publicado no México como: "Del Moncada a la Victoria. La Estrategia Política de Fidel", Editorial Nuestro Tiempo, México, 1986.

Prefácio

Há quarenta anos, quando nos lares latino-americanos se celebrava o Ano Novo, uma boa notícia corria em Cuba: um exército guerrilheiro de base social camponesa triunfava na ilha caribenha, libertando o país da tirania de Batista. Inaugurava-se assim um processo político que não pretendia apenas derrubar um ditador, mas trilhar um caminho consequentemente revolucionário: transformar profundamente a sociedade, em benefício das grandes maiorias.

Este triunfo das forças populares, encabeçadas pelo Movimento 26 de Julho e dirigidas pelo jovem advogado Fidel Castro Ruz, despertou a simpatia da maior parte da esquerda ocidental, especialmente da esquerda da América Latina. Era uma luz que surgia no obscuro ambiente conservador em que vivia então o subcontinente.

Rompera com dois tipos de fatalismo muito difundidos na esquerda latino-americana: um geográfico e outro, militar. *O primeiro* consistia em afirmar que os Estados Unidos não tolerariam uma revolução socialista em sua área estratégica. E Cuba triunfa a aproximadamente cento e oitenta quilômetros de suas costas; *o segundo* garantia que – dada a sofisticação alcançada pelos exércitos – já não era possível vencer um exército regular. E Cuba demonstra nesse momento que a tática guerrilheira é capaz de ir debilitando o exército inimigo até liquidá-lo.

O dirigente cubano compreendeu muito bem que a política não podia ser a arte do possível – como pensa hoje uma grande parte da esquerda –, mas sim a arte de construir uma correlação de forças social, política e militar que permita transformar o que parece impossível neste momento em algo possível no futuro.

Sobre como mudar a força militar e o papel do método guerrilheiro nesse processo existe muita literatura, começando pelos escritos do próprio Che Guevara; sobre os aspectos políticos desta estratégia pouco se publicou. Não encontrei nenhum livro que reflita de forma sistemática sobre o assunto. Esta foi a razão que me levou a empreender esta pesquisa.

Este livro não pretende fazer história; trata-se de um breve ensaio que busca sistematizar e tornar conhecidas as grandes linhas da estratégia política seguida por Fidel Castro – desde o princípio dos anos cinqüenta até o triunfo revolucionário de janeiro de 1959 – para construir o bloco de forças sociais e políticas que lhe permitiu derrubar Batista e o regime oligárquico pró-imperialista que o sus-

tentava, abrindo assim caminho para o socialismo nesta parte do hemisfério ocidental.

Além de mostrar a hábil e flexível condução política de Fidel, quis deter-me, nas páginas finais, no destacado papel que o líder cubano atribui à unidade das forças revolucionárias.

E, dando continuidade a este último tema, incluo como apêndice uma reflexão sobre o porque do partido único em Cuba, um dos aspectos mais incompreendidos desta revolução no exterior.

Para realizar este trabalho baseei-me quase exclusivamente em cartas e discursos de Fidel, tanto do momento em que ocorrem os fatos, como de épocas posteriores, que servem para iluminar, com uma visão retrospectiva, o período analisado.

É um livro pensado especialmente para a juventude cubana e latino-americana, que não tem tempo nem interesse, em muitos casos, em ler obras muito extensas e que aqui, pode descobrir como um grupo de jovens movidos por grandes ideais e decididos a lutar por seu povo, podem ser protagonistas da história.

Agradeço a assessoria que me deu o historiador Mario Mencía sobre alguns aspectos abordados aqui; o acesso às cartas de Fidel que o Escritório de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba me proporcionou, o estímulo que recebi do companheiro Jesús Montané Oropesa e as sugestões e opiniões críticas de vários companheiros.

Havana, 14 de maio de 1999.

O movimento 26 de julho e o partido ortodoxo

Foi na Universidade que Fidel Castro, filho de um proprietário de terras e futuro líder da revolução cubana, adquiriu consciência revolucionária. Naquele momento pertencia a um partido que não era marxista, o Partido do Povo Cubano, mais conhecido como Partido Ortodoxo.

O programa da ortodoxia era um programa que – respondendo principalmente aos interesses da pequena burguesia radical anti-imperialista – se caracterizava por propor medidas de cunho nacionalista contra os monopólios norte-americanos, com especial ênfase em medidas contra a corrupção administrativa que predominava então entre os funcionários do Estado. Tratava-se de um partido populista de origem pluriclassista, composto fun-

damentalmente por operários, camponeses e pequena burguesia, e cuja direção era burguesa[3].

Sua popularidade devia-se principalmente ao extraordinário carisma de seu líder Eduardo Chibás[4], que começara a se destacar já nas lutas universitárias dos anos 20, e nos enfrentamentos contra as ditaduras dos anos seguintes. Fogoso polemista, encabeçava o movimento de recuperação cívica e moral, com muito apoio nas massas.

Nesse partido de composição tão heterogênea existia "uma esquerda" formada especialmente por universitários, entre os quais Fidel e a maior parte da direção do grupo de jovens que, em 1953, assaltariam o Quartel Moncada. Tratava-se de gente de idéias muito avançadas, que se inspirava no marxismo[5], mas também muito enraizada nas tradições nacionais, especialmente no pensamento de Martí.

---

3 Fidel Castro, "La Estrategia del Moncada" (entrevista concedida a um grupo de jornalistas suecos em 1973, publicada na revista *Cuba Internacional* nº 100, janeiro de 1978 e reproduzida pela revista *Casa de las Américas* nº 109, julho-agosto de 1974, versão que utilizamos, pp. 8-10.

4 "Eduardo Renato Chibás y Rivas foi membro do Diretório Estudantil Universitário (DEU), de 1927, junto a Antonio Guiteras e outros. Iniciou a luta contra a prorrogação anticonstitucional de Machado na presidência. Lutador contra a tirania machadista e contra a ditadura Mendieta-Caffery-Batista na década de trinta. Delegado na Convenção Constituinte de 1940. Representante e senador pelo Partido Revolucionário Cubano (Autêntico), na década de quarenta. Separou-se do PRC(A) e fundou, em 1947 o Partido do Povo Cubano (Ortodoxo) que poucos meses antes das eleições de 1948 tornara-se uma poderosa força política. (...)" (Dados obtidos do livro La prisión fecunda, de Mario Mencía, Editora Política, La Habana, 1980, p. 112, nota 8.

5 "... o pequeno grupo que trabalhou na organização do Movimento era gente de idéias muito avançadas. Tínhamos cursos de marxismo – afirma Fidel. No grupo de direção, durante todo aquele período, estuda-

"Martí nos ensinou seu ardente patriotismo, seu amor apaixonado pela liberdade, pela dignidade e o decoro do homem, seu repúdio ao despotismo e sua fé ilimitada no povo (...) – diz o dirigente cubano na comemoração do XX aniversário do assalto ao Quartel Moncada, referindo-se a aquela época de sua vida.

"Céspedes nos deu o sublime exemplo de começar com um punhado de homens, quando as condições estavam maduras, uma guerra que durou dez anos.

"Agramonte, Maceo, Gómez e os outros próceres de nossas lutas pela independência nos mostraram a coragem e o espírito combativo de nosso povo, a guerra irregular e as possibilidades de adaptar as formas de luta armada popular à topografia do terreno e à superioridade numérica e em armas do inimigo".

E mais adiante enumera as contribuições que receberam do marxismo:

"... O conceito classista da sociedade dividida entre exploradores e explorados; a concepção materialista da história; as relações burguesas de produção como a última forma antagônica do processo de produção social; o advento inevitável de uma sociedade sem classes, como conseqüência do desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo e da revolução social. (...)

---

mos marxismo. E poderíamos dizer que os principais dirigentes da organização já eram marxistas". E mais adiante acrescenta: "No tempo da Universidade, meus contatos com as idéias marxistas foram as que me fizeram adquirir uma consciência revolucionária. Já a partir daquele momento toda a estratégia que elaborei politicamente estava dentro de uma concepção marxista". (F. Castro, *La estrategia del Moncada*, op. cit., p. 8)

O marxismo lhes ensinou, sobretudo, segundo Fidel, a missão histórica da classe operária, única verdadeiramente revolucionária, chamada a transformar até os alicerces a sociedade capitalista, e o papel das massas na revolução.

"*O Estado e a revolução* de Lênin esclareceu para eles o papel do estado como instrumento de dominação das classes opressoras e a necessidade de criar um poder revolucionário capaz de esmagar a resistência dos exploradores".

E termina dizendo:

"O núcleo fundamental de dirigentes de nosso movimento (...) via no marxismo-leninismo a única concepção racional e científica da revolução e o único meio de compreender com toda clareza a situação de nosso próprio país"[6].

A liderança de Chibás terminou abruptamente em 5 de agosto de 1951. Temendo o descredito perante a opinião pública por não poder apresentar provas que fundamentassem sua acusação de corrupção administrativa contra um alto personagem do governo, caiu em profunda depressão, o que o levou a tomar uma atitude extrema: durante seu habitual espaço no rádio e como último recurso para comover seus ouvintes, decidiu terminar com sua vida, disparando contra si mesmo um tiro de pistola no abdômen, diante do microfone, pelo qual aca-

6 Fidel Castro, *Discurso em comemoração do XX aniversário do assalto ao Quartel Moncada*, em "Historia de la revolución cubana" (seleção de discursos sobre temas históricos), Editora Política, La Habana, 1980, p. 268.

bava de conclamar o povo a lutar por sua independência econômica e política[7].

Uma vez desaparecido o destacado dirigente ortodoxo, seu partido ficou à deriva. Fidel militava em um partido com base popular muito ampla, mas sem uma direção política conseqüente. Seus dirigentes oficiais eram reformistas e estavam adaptados ao sistema[8]. Por outro lado, existia um partido ideologicamente mais afim com suas concepções marxistas: o Partido Socialista Popular, nome adotado pelo partido comunista cubano naquela época[9]. Mas este tinha uma militância muito reduzida devido, em grande parte, à feroz campanha anticomunista que caracterizou o período da "guerra fria".

Considerando esta realidade, o jovem estudante de direito decidiu utilizar suas condições inatas de liderança para trabalhar as bases da ortodoxia e recrutar ali os futuros quadros da vanguarda revolucionária de novo tipo. Dirigiu-se especialmente à juventude de extração mais humilde, descartando premeditadamente os diri-

---

[7] No dia 5 de agosto de 1951, em seu costumeiro espaço no rádio dos domingos à noite, pronunciou o que viria a ser seu último discurso, conhecido como "O último golpe". Acaba dizendo: "Companheiros da Ortodoxia, avante! Pela independência econômica, a liberdade política, e a justiça social! Vamos varrer os ladrões do governo! Povo de Cuba, levanta-te e anda! Povo cubano, desperta! Este é meu último golpe!" e, depois destas palavras, se produz o disparo. Falece em Havana depois de 11 dias de agonia, em 16 de agosto de 1951, menos de um ano antes das eleições gerais em que se vaticinava que seria vencedor para a presidência da República. (Dados em Mario Mencía, Ibid. p. 112).

[8] F. Castro, "La estrategia del Moncada", op. cit. p. 8.

[9] Ibid. p. 10.

gentes oficiais[10]. Os que formaram a recente organização eram todos gente nova, desconhecida até então.

É interessante notar que, embora a maior parte do núcleo dirigente do novo agrupamento estivesse constituído, segundo Fidel, por quadros marxistas, seu discurso político não utilizava uma linguagem marxista.

Com esse núcleo de companheiros começou a elaborar uma estratégia para conduzir as massas influenciadas pelo Partido Ortodoxo para posições revolucionárias. Apesar de considerar os limites da institucionalidade burguesa e a necessidade de tomar pela revolução o poder já antes do golpe de estado de Batista[11] – que acabou com meio século de vida republicana no país – como era uma época de liberdades parlamentares, imaginou fazer uso desta tribuna para "propor um programa revolucionário, e em torno deste programa mobilizar as massas e marchar para a tomada do poder"[12].

Mas, devido ao golpe militar de 10 de março de 1952, Fidel considerou necessário mudar de tática e, enquanto na base do Partido do Povo Cubano reinava o desespero e a perplexidade, e o partido se desmantelava, dividindo-se em várias tendências, Fidel – com o grupo de jovens ortodoxos que lograra nuclear a seu redor – começou a preparar o assalto ao Quartel Moncada como única forma de tomar o poder nas novas condições criadas pela ditadura de Batista.

---

[10] Ibid. p. 8.

[11] Data em que o general Batista deu um golpe de estado para impedir o triunfo do Partido Ortodoxo nas eleições marcadas para junho daquele ano. A Constituição de 1940 foi anulada.

[12] F. Castro, "La estrategia del Moncada", op. cit. p. 10.

Teve início um intenso trabalho de recrutamento. Em julho de 1953 o Movimento já contava com pelo menos mil e quinhentos homens treinados e agrupados em cerca de cento e cinqüenta células. Apesar disso, por escassez de armas, só cento e cinqüenta e um militantes tiveram participação ativa no episódio.

A preparação do assalto se realizou sob muito sigilo. Menos de dez combatentes souberam previamente, com precisão, que o bastião que iriam atacar era o Quartel Moncada. O próprio Raúl Castro ficou sabendo que o ataque ocorreria na Província de Oriente quando, junto com outros companheiros, lhe entregaram o bilhete para fazer a viagem de trem e viu que o destino era Santiago de Cuba.

"Exceto aqueles que dirigiram os automóveis, o resto dos participantes que viajaram por rodovia nem sequer souberam para que província se dirigia. Só quando foram distribuídos armas e uniformes, poucos instantes antes de sair para a ação, na própria madrugada de 26 de julho, foi dado a conhecer em que consistia (o plano)"[13].

E contrariamente ao que pensaram alguns setores de esquerda, o que este pequeno mas audaz grupo de combatentes pretendia não era de modo algum conquistar "o poder revolucionário com um punhado de homens". "Nunca concebemos semelhante coisa", afirmou com firmeza Fidel, ao fazer uma análise retrospectiva, em dezembro de 1961. Toda nossa estratégia revolucionária estava relacionada com uma concepção revolucionária,

---

[13] Mario Mencía, "La concepción del asalto al Moncada, revista *Bohemia*, La Habana, 20-27 de julho de 1984, p. 87.

ou seja, sabíamos que só com o apoio do povo, com a mobilização das massas, poderíamos conquistar o poder (...)"[14]

Oito anos depois da tentativa frustrada de derrubar Batista, Raúl Castro explicava com mais detalhes o sentido daquela ação.

"Não era um 'putsch' (golpe), com o propósito de obter um triunfo fácil sem massas: era uma ação de surpresa para desarmar o inimigo e armar o povo, a fim de empreender com este a ação revolucionária armada.

"Não era uma ação para tirar simplesmente Batista e seus cúmplices do poder; era o início de uma ação para transformar todo o regime político e econômico-social de Cuba e acabar com a opressão estrangeira, com a miséria, com o desemprego, com a insalubridade e a incultura que pesavam sobre a pátria e o povo".

Reconhece, no entanto, que seu irmão não contava com uma "organização que respondesse a estes planos e que estivesse comprometida com eles", mas que confiava em que "dado o estado político do país e o descontentamento existente, os combatentes se apresentariam espontaneamente assim que houvesse armas e pessoas dispostas a começar e dirigir a ação". Segundo Raúl, "o que importa destacar é que não se tratava de organizar uma ação sem as massas, e sim de conseguir meios para armá-las e mobilizá-las para a luta armada; que não se tratava de

---

14 Fidel Castro, Comparecimento à TV em 1º de dezembro de 1961, em La Revolución cubana, 1953-1962, Ed. Era, México, 2ª ed. 1975, pp. 388-389; e em Obra Revolucionaria nº 46, 2 de dezembro de 1961, p. 16. A partir deste momento nos referiremos à segunda como O.R., seguida das páginas correspondentes.

apoderar-se da sede do governo e assaltar o poder, e sim de iniciar a ação revolucionária para levar o povo ao poder"[15].

"Estávamos de acordo e tínhamos consciência – continua – de que era necessário, para destruir a tirania, por em marcha um movimento de massas; mas, com os antecedentes mencionados, como consegui-lo? Naqueles tempos Fidel dizia: 'Temos que fazer mover-se um motor pequeno que ajude o motor grande a arrancar'(...) o motor pequeno seria a tomada da fortaleza do Moncada, a mais distante da capital, a que, uma vez em nossas mãos, faria mover-se o motor grande, que seria o povo combatendo com as armas que capturaríamos, pelas leis e medidas, ou seja, pelo programa que proclamaríamos"[16].

"O ataque ao Moncada, explica Raúl, não era uma ação destinada apenas à derrubada da tirania, nem muito menos independente da situação econômica e social que o país padecia.

"Apoiava-se precisamente no repúdio total a Batista, a seu governo e ao que este representava. Agravava-se a crise geral de nossa estrutura semi-colonial, o desemprego aumentava; os trabalhadores, os camponeses, todos os setores populares de nosso país manifestavam grande descontentamento; deste não estava alheia nossa burguesia, como conseqüência do estancamento econômico que padecíamos e da concorrência ruinosa que exerciam os vora-

---

[15] Raúl Castro, "VIII Aniversario del 26 de Julio", Ed. EIR, La Habana: retomado em: *Selección de lecturas de historia de Cuba*, t. 2, Editora Política, La Habana, 1984, pp. 151-152.

[16] Ibid. pp.156-157.

zes monopólios imperialistas ianques, que não se inquietavam muito com o descontentamento da burguesia, sabendo que esta estaria paralisada pelo temor que tem, sobretudo na América Latina, de que a classe operária e os camponeses encabecem a luta patriótica e democrática e alcancem o poder. Os monopólios imperialistas ianques confiavam em que na crise a burguesia nacional ficaria a seu lado, contra a soberania e a independência da pátria"[17].

O que se buscava com essa ação tão espetacular eram três objetivos, confessa Fidel anos mais tarde: "primeiro, paralisar a ação dos elementos politiqueiros que estavam se esforçando para levar o país a uma solução de pacto e de composição eleitoral não revolucionária; segundo, levantar o espírito revolucionário do povo; e terceiro, reunir os recursos necessários mínimos" para levar adiante o movimento revolucionário[18].

Fazendo, então um balanço daquela ação, afirma que os dois primeiros objetivos eram corretos e, com relação ao terceiro, a experiência demonstrava que não era necessário fazer "tanto barulho", que com as forças que atacaram o Quartel Moncada poderiam facilmente ter tomado o de Bayamo, situado muito perto das montanhas da Sierra Maestra, reunindo assim armas para oitenta e dois homens, recursos muito maiores do que aqueles que alguns anos depois utilizaram, ao iniciar a luta guerrilheira nessa zona, depois do desembarque do Granma[19].

---

[17] Ibid. pp. 163-164.

[18] F. Castro, Comparecimento à TV em 1º de dezembro de 1961, O.R, op. cit., p. 16; *La revolución cubana...,* op. cit. p. 388.

[19] Id.

É importante assinalar que em caso de êxito na façanha do Quartel Moncada, o que se pretendia era tomar as estações de rádio e tentar, a partir delas, levantar o povo contra Batista, usando o último discurso de Chibás, o qual deveria ficar constantemente no ar, dando "crédito instantâneo, segundo Fidel, a um estampido revolucionário completamente independente dos personagens do passado"[20]. "(...) Se houvesse triunfado nosso esforço revolucionário, diz, era nosso propósito por o poder em mãos dos mais fervorosos ortodoxos.

"O restabelecimento da Constituição de 40, condicionada obviamente à situação anormal, era o primeiro ponto de nossa proclamação ao povo. Uma vez de posse da capital de Oriente, decretar-se-iam leis básicas de profundo conteúdo revolucionário, que tendiam a por os pequenos colonos, arrendatários, parceiros e posseiros na posse definitiva da terra, com indenização do estado aos prejudicados; consagração do direito dos operários à participação nos lucros das empresas; participação dos colonos em 55% da renda da cana (estas medidas, como é natural, deviam conciliar-se com uma política dinâmica

[20] Fidel Castro, Carta a Luis Conte Agüero (12 de dezembro de 1953), em M. Mencía, *Cartas del presidio (anticipo de uma biografia de Fidel Castro)*, Ed. Lex, La Habana, 1959, p. 21. Luis conte Agüero foi um jovem e prestigiado jornalista, pertencente ao Partido Ortodoxo, que gozou do apreço de Fidel enquanto este estava na prisão por sua corajosa defesa dos presos políticos. Foi uma espécie de contato do dirigente cubano com os órgãos da imprensa. Mas, depois do triunfo, seu exacerbado personalismo e oportunismo – que se torna evidente quando se lê a seleção de cartas feitas por ele para publicação, aqui citadas, onde Fidel faz grandes elogios a sua pessoa – o conduziram a posições francamente contra-revolucionárias, terminando por sair do país.

e enérgica por parte do estado, intervindo diretamente na criação de novas indústrias, mobilizando as grandes reservas do capital nacional, rachando a resistência organizada de interesses poderosos). Outra lei declarava destituídos todos os funcionários administrativos e do judiciário, municipais, provinciais ou nacionais que houvessem traído a constituição jurando os Estatutos. Por último, uma lei que propunha o confisco de todos os bens dos corruptos de todas as épocas, depois de um processo sumaríssimo de investigação"[21].

Fidel concebia então sua organização como parte integrante e fator propulsor das massas ortodoxas, que por sua vez dinamizariam o povo em geral. Assim o disse três anos depois, em agosto de 1955, na mensagem que enviou do exílio ao Congresso de Militantes Ortodoxos. "O Movimento Revolucionário 26 de Julho, escreveu então, não constitui uma tendência dentro do partido: é o aparelho revolucionário do chibasismo, enraizado em suas massas, de cujo seio surgiu para lutar contra a ditadura, quando a ortodoxia jazia impotente, dividida em mil pedaços. Jamais abandonamos seus ideais, e permanecemos fiéis aos mais puros princípios do grande combatente, cuja queda se comemora hoje (...)"[22]

Esta mensagem, que proclamava uma linha revolucionária, foi aprovada unanimemente pelos quinhentos representantes que participavam do evento, sem que ne-

---

[21] Ibid. pp. 20-21.

[22] F. Castro, em Jules Dubois, *Fidel Castro Rebelde, libertador o dictador*?, Ed. Grijalbo, México, p. 97, citado em *La revolución cubana*..., op. cit. p. 87.

nhum de seus dirigentes oficiais reformistas tomasse a palavra para manifestar-se contra.

O que demonstra convincentemente, segundo o líder cubano, que "a imensa maioria da massa do partido; o melhor de suas fileiras!", seguia a linha do 26 de julho[23].

E quando rompe definitivamente com a direção ortodoxa, em 19 de março de 1956[24], devido à atitude impudica de seus dirigentes que, traindo a linha revolucionária do partido, aceitam buscar fórmulas de conciliação com Batista, declara:

"(...) não é culpa nossa se o país foi conduzido para um abismo em que não dispõe de outra fórmula salvadora senão a revolução. Não amamos a força; porque detestamos a força é que não estamos dispostos a que nos governem pela força. Não amamos a violência; porque detestamos a violência não estamos dispostos a continuar suportando a violência que há quatro anos se exerce sobre a nação.

"Agora a luta é do povo. E, para ajudar o povo em sua luta heróica por recuperar as liberdades e direitos que lhe arrebataram, organizou-se e fortaleceu-se o Movimento 26 de Julho.

"Diante do 10 de março, o 26 de julho!

"Para as massas chibasistas o Movimento 26 de Julho não é algo diferente da ortodoxia; é a ortodoxia sem uma direção de proprietários de terras no estilo de Fico Fernández Casas; sem latifundiários açucareiros no es-

---

[23] Id.

[24] Esta mensagem foi publicada pela revista cubana *Bohemia* de 1º de abril de 1956, assinada por Fidel.

tilo de Gerardo Vázquez; sem especuladores de bolsa, sem magnatas da indústria e do comércio, sem advogados de grandes interesses, sem caciques provinciais, sem politiqueiros de nenhuma espécie; o melhor da ortodoxia está travando junto a nós esta formosa luta. Prestaremos a Eduardo Chibás a única homenagem digna de sua vida e de seu holocausto: a liberdade de seu povo, que aqueles que não têm feito outra coisa senão derramar lágrimas de crocodilo sobre seu túmulo jamais poderiam oferecer-lhe.

"O Movimento 26 de Julho é a organização revolucionária dos humildes, pelos humildes e para os humildes.

"O Movimento 26 de Julho é a esperança de redenção para a classe operária cubana à qual nada pode oferecer as camarilhas políticas; é a esperança de terra para os camponeses que vivem como párias na pátria que seus avós libertaram; é a esperança de retorno para os emigrados que tiveram que deixar sua terra porque não podiam trabalhar nem viver nela; é a esperança de pão para os famintos e de justiça para os esquecidos.

"O Movimento 26 de Julho torna sua a causa de todos os que caíram na dura luta desde 10 de março de 1952 e proclama serenamente à nação, a suas esposas, filhos, pais e irmãos que a revolução não transigirá jamais com aqueles que os sacrificaram.

"O Movimento 26 de Julho é o convite caloroso para cerrar fileiras, feito de braços abertos, a todos os revolucionários de Cuba, sem mesquinhas diferenças partidárias e quaisquer que tenham sido as diferenças anteriores.

"O Movimento 26 de Julho é o futuro são e justiceiro

da pátria, a honra empenhada frente ao povo, a promessa que será cumprida"[25].

Sintetizando o que foi dito até aqui, foi a absoluta convicção de que sem as massas não há revolução o que marcou a estratégia seguida pelo dirigente da revolução cubana na constituição da vanguarda do processo revolucionário.

[25] Fidel Castro, *Fundación del MR 26 de Julio ruptura con la ortodoxia*, em *La revolución cubana...*, op. cit. pp. 91-92.

Condições objetivas para a revolução e o papel da vanguarda

Fidel estava convencido que a única saída do povo para a realidade desesperada que vivia era o apoio a um movimento que se propusera a mudar radicalmente a situação política vigente, adotando uma série de medidas de caráter revolucionário. Considerava, ao mesmo tempo, que em seu país existiam, se não todas, ao menos uma parte importante das condições objetivas para a revolução e que o papel da vanguarda *não era criar estas condições, mas acelerar a tomada de consciência das massas mediante determinadas ações de luta.*

Quanto ao argumento de que não havia condições para a revolução e que era preciso esperar que estas amadurecessem, Fidel considerava que *era necessário criá-las e criá-*

las lutando[26]. O assalto ao Quartel Moncada fazia parte deste raciocínio.

O Partido Socialista Popular (PSP) não concordava com esse critério. Alguns meses depois da tentativa fracassada de assalto à fortaleza de Batista, embora defendesse a limpeza moral e a honradez dos combatentes do Moncada, descrevia esta ação como um 'putsch', como uma ação armada desesperada e com caraterísticas de aventura", sustentando que ações como esta "só conduzem ao malogro, ao desperdício de forças, à morte sem objetivos"[27].

---

[26] Ibid. p. 389.

[27] *Carta Semanal*, 20 de outubro de 1952. Sete anos depois, Blas Roca, secretário geral do PSP, faria uma importante correção desta avaliação, na VIII Assembléia Nacional do Partido, em agosto de 1960. Nessa ocasião afirma que o assalto ao Quartel Moncada "não foi concebido como um clássico golpe ou 'putsch', apesar da forma de sua realização. Não se pretendia, com ele, capturar o governo, mas iniciar uma revolução.

"Por isso não foi projetado contra Columbia ou outra fortaleza de Havana, mas contra um quartel cheio de armas no extremo da ilha, cuja captura teria permitido armar o povo e formar um centro de luta revolucionária". Esta apreciação parece ter suscitado discussões, já que Blas, nas conclusões daquela reunião, se viu obrigado a precisar que, se bem em 1953 não lhes parecera "o caminho mais adequado", com o passar dos anos a história tinha se desenvolvido "e se viam os resultados do feito". Pode-se ter qualquer opinião sobre um fato quando este ocorre, pode-se crer que é bom ou mal, mas esta opinião será confirmada ou negada pela história, pelo desenrolar posterior dos acontecimentos. Quando um médico dá um remédio, pensa que vai fazer bem ao enfermo, mas tem que esperar; às vezes, mata o doente e se convence de que o remédio não servia para esta doença e o enfermo nem fica sabendo, mas se o remédio traz benefícios, fica tudo bem e está confirmada a previsão". Por isso considerava que "quando já se passaram anos, quando a história já transcorreu, para determinar os resultados daquele fato, a Assembléia pode se pronunciar sobre o acontecimento". (*VIII Assembléia Nacional do Partido Socialista Popular*, Ediciones Populares, La Habana, 1960, p. 67 e pp. 405-406).

Aquele partido opunha às ações armadas a luta de massas; não concebia a possibilidade de combinar as duas formas de luta.

Fidel, ao contrário, teve a habilidade de elaborar uma estratégia que, partindo da análise da situação naquele momento, quando existiam condições objetivas, *embora ainda não totalmente desenvolvidas,* conduzisse em um prazo muito curto a ótimos resultados revolucionários. E disse: "plenamente desenvolvidas", já que tinha claro que um certo número de condições deveriam existir, como veremos mais adiante.

"Nós simplesmente idealizamos como aproveitar as condições objetivas existentes em nosso país. Em primeiro lugar, o regime de exploração existente (...), a situação dos camponeses – diz Fidel – e continua mais adiante: nunca nos teria ocorrido iniciar uma luta revolucionária em um país onde não existissem latifundiários. Quer dizer, uma luta revolucionária de guerrilhas nos campos em um país onde não existissem latifundiários, em um país onde os camponeses fossem donos das terras, em um país onde existissem cooperativas e granjas do povo, onde existisse pleno emprego para toda a população. Isso jamais nos teria ocorrido.

"Em nosso país, as condições do campo eram as que todo o mundo conhece. Dos camponeses, os que não eram posseiros, eram arrendatários. Os posseiros em terras do Estado eram vítimas constantes dos despejos e dos abusos. Os operários da cana trabalhavam três ou quatro meses na safra, e dois ou três meses eram tempo morto. O desemprego no campo era enorme. A população do campo tinha que vir para a cidade onde também havia

desemprego. Todos os que eram posseiros, eram arrendatários. O arrendatário de café tinha que pagar a terça ou a quarta parte. O arrendatário de fumo, o parceiro de fumo, tinha que pagar também 25% ou 30% de sua colheita. O de cana tinha que pagar uma porcentagem menor, mas que era alta devido ao valor bruto da cana. Os camponeses eram vítimas de todo tipo de extorsões e especulações. Compravam deles barato. Os especuladores se aproveitavam da situação especial dos camponeses para explorá-los miseravelmente. As mercadorias no campo eram vendidas muito caro e os camponeses tinham que vender seus produtos barato. Esta era a situação no campo. Os cafezais estavam nas montanhas. Quem colhia o café? Pois eram dezenas de milhares de homens e mulheres das plantações de cana, dos latifúndios de cana, que não tinham trabalho no tempo morto e, então, iam colher café nas montanhas.

"O café era cultivado nas montanhas porque os camponeses, desalojados pelos latifundiários da cana e do gado, tinham se refugiado nas montanhas, e ali plantavam café. Não é que ele só dê nas montanhas, e sim porque foi o canto onde puderam se refugiar para sobreviver...[28]

Mais adiante resume as condições objetivas que os motivaram a iniciar naquele momento as ações armadas.

"Nós nos lançamos naquela luta partindo de uma série de pressupostos, pressupostos estes que eram reais. Isto é: o pressuposto do regime social de exploração exis-

---

[28] "F. Castro, Comparecimento à TV de 1º de dezembro de 1961, em O.R., op. cit. p. 16; *La revolución cubana...*, op. cit. pp. 389-390.

tente em nosso país e a convicção de que nosso povo estava desejoso de uma mudança revolucionária. E se não a queria muito conscientemente, a queria assim mesmo. Manifestava isso em seu descontentamento geral, no fato de que uma bandeira de rebeldia encontrava imediatamente apoio em amplos setores do povo, o espírito rebelde do povo, o grau de maturidade da consciência política de nosso povo, apesar de todo o confusionismo, de toda a propaganda e de todas as mentiras do imperialismo e da reação.

"Partimos deste pressuposto. Esse pressuposto era real, e porque esse pressuposto era real, realizaram-se as esperanças, as possibilidades que tínhamos vislumbrado. Isto ensina a primeira lição: não pode haver revolução, em primeiro lugar, se não existem circunstâncias objetivas que em um dado momento histórico facilitem e tornem possível a revolução. (...)

"Ou seja, que as revoluções não nascem da mente dos homens. Os homens podem interpretar uma lei da história, um momento determinado do desenvolvimento histórico. Fazer uma interpretação correta é dar impulso a esse movimento, sobre a avaliação de uma série de condições objetivas (...)"[29]

Outro elemento que é preciso considerar é que em Cuba, embora a situação econômica fosse crítica como a de todo país dependente: desemprego crônico crescente, deplorável situação do campesinato sem terra, arruinado ou vítima de despejo, deterioração do salário real, déficit da balança comercial, enormes perdas para o país

[29] O.R., p. 17; *La revolución cubana...*, pp. 390-391.

devido à diminuição da cota açucareira dos últimos anos, até fins de 1958 não se podia falar de uma crise econômica conjuntural. Pelo contrário, 1957, devido fundamentalmente ao aumento extraordinário do preço do açúcar no mercado mundial, foi um ano de prosperidade econômica. Esta situação mudou no fim de 1958, momento em que, ao mesmo tempo em que houve uma significativa baixa do preço do açúcar – com todas as conseqüências econômicas que isso tem para um país monoprodutor como Cuba, os êxitos militares do Exército Rebelde – que, no fim daquele ano tinha logrado estender a guerra desde a Sierra Maestra até o centro do país – punham em perigo a safra açucareira, de que dependia 60% do valor das exportações cubanas[30], com as conseqüências negativas que isso podia ter para a economia cubana e seus bolsos que era, obviamente, o que mais os preocupava. A burguesia açucareira tinha, pois, apenas duas opções para afastar a catástrofe: afastamento de Batista com o apoio da guerrilha ou intervenção norte-americana. Por razões que não podemos desenvolver aqui, esta classe se inclinou para a primeira delas, acelerando assim a queda do ditador[31].

Os êxitos do Exército Rebelde foram influindo pouco a pouco no estado de ânimo das massas. Não era o mesmo estado de ânimo existente em abril de 1958, quando fra-

---

[30] *Anuario estadístico de Cuba. Cuba económica y financiera*, La Habana, 1958.

[31] Sobre o papel da burguesia na revolução cubana, ver o livro de Marcos Winocur: *Las clases olvidadas en la revolución cubana,* Crítica, Barcelona, 1979.

cassou a convocação para uma greve geral[32], não era o mesmo de pouco mais de dois meses depois, depois da batalha de Jigüe[33], quando o Exército Rebelde logrou um triunfo estrondoso, iniciando-se então uma contra-ofensiva completa e definitiva.

No fim de dezembro a queda de Batista era iminente. Províncias inteiras estavam isoladas do resto do país, unidades completas do exército tinham sido destruídas. O esfacelamento do regime estava evidente para todos. Nesse novo contexto – em que as pessoas tinham perdido o medo e enquanto o ditador fugia precipitadamente do país, a greve geral convocada por Fidel pelo microfone da Rádio Rebelde, em 1º de janeiro de 1959, contra o golpe militar, foi um êxito completo.

As massas populares, que para um olhar pouco atento eram espectadoras passivas da luta da Serra, se transformaram nos atores decisivos do triunfo revolucionário.

Um povo inteiro, entusiasmado, assaltou os corpos repressores da tirania, perseguiu e deteve os alcagüetes, torturadores, transformando-se assim em um gigantesco exército[34].

---

[32] A razão do fracasso da greve de 9 de abril é um tema muito polêmico, segundo o Che, fracassou por "erros de organização, entre eles principalmente a falta de contato entre as massa operárias e a direção, e sua atitude equivocada. Mas a experiência foi aproveitada (...); ensinou a seus dirigentes (do 26 de Julho) uma verdade preciosa: que a revolução não pertencia a este ou aquele grupo, e sim, devia ser a obra do povo cubano inteiro". Ernesto Guevara, *Proyecciones sociales del Ejército Rebelde*, em Ernesto Che Guevara. Obras 1957-1967, Coleção Nuesta América, Casa de las Américas, t. 2. p.14.

[33] 21 de julho de 1958.

[34] Ramiro Abreu, *El último año de aquella república*, Cliencias Sociales, La Habana, 1984, p. 265.

"(...) em questão de minutos, em questão de horas, para ser mais exato, diz Fidel, o Exército Rebelde praticamente dominou totalmente a revolução nas áreas de combate e o povo dominou a revolução nas áreas urbanas. E os trabalhadores apoiaram o movimento, com uma greve geral absoluta. (...)

O povo naquele momento já não era o povo de sete anos atrás, já não era o povo de vinte anos atrás. Era um povo que adquirira uma consciência de luta, um povo cujo espírito de rebeldia tinha se desenvolvido: um povo que não se aglutinara paulatinamente em torno dos partidos tradicionais desprestigiados e sim um povo que foi se reunindo em torno de um movimento revolucionário; um povo que foi se reunindo em torno de um pequeno núcleo de combatentes revolucionários, de um pequeno exército revolucionário; um povo que foi se formando, que suportou crimes, atropelos, abusos, injustiças de todo tipo e que levava tudo aquilo lá no fundo; e um povo que tinha ido se orientando, que tinha ficado alerta, que tinha ido se preparando para uma revolução.

"Por isso, quando quiseram escamotear-lhe o triunfo de 1º de janeiro, tiveram a descomunal surpresa de ver este povo lançar-se à rua; tiveram a descomunal surpresa de ver as colunas rebeldes cercando e desarmando as tropas e, de repente, naquele dia histórico, triunfara uma verdadeira revolução[35].

E acrescenta mais adiante:

"(...) um fósforo em um palheiro: isto foi o movimento

[35] "Fidel Castro, "Discurso del 9 de abril de 1968", jornal *Granma*, 10 de abril, 1968.

guerrilheiro, dadas as condições que existiam em nosso país. Pouco a pouco a luta foi se convertendo em uma luta de todo o povo. Foi o povo, todo o povo, o único ator nessa luta, foram as massas que decidiram a contenda. (...)

"Que fator tinha mobilizado as massas? A luta guerrilheira se converteu em um fator que mobilizou as massas, aguçou as contradições do regime (...)"[36]

Generalizando o que foi exposto até aqui, podemos dizer que Fidel não se limita a constatar que em Cuba existiam condições para fazer a revolução, nem a esperar que estas amadureçam por si mesmas, mas que, como vanguarda, atua sobre as próprias condições objetivas, aguçando as contradições existentes e criando outras novas, isto é, permitindo, com sua ação, que as condições objetivas e subjetivas cheguem a sua plena maturidade, com o que, de fato, acelerou-se o processo revolucionário neste país.

---

[36] F.Castro, Comparecimento à TV de 1º de dezembro de 1961, O.R., op. cit. p. 21; *La revolución cubana*..., op. cit. pp. 397-398.

Caráter da revolução e correlação de classes

Desde antes do assalto ao Quartel Moncada, Fidel compreendia – como vimos anteriormente – que sua meta não podia ser apenas derrubar Batista, mas levar adiante uma revolução. Por isso sempre se opôs, tanto à execução do tirano como ao golpe militar, duas formas de eliminar o ditador sem mudar as bases do regime dominante.

Além disso, sabia desde então que a luta de libertação nacional que pretendia empreender era inseparável de uma revolução social profunda, ou seja, que o processo revolucionário anti-imperialista terminaria obrigatoriamente sendo, ao mesmo tempo, uma revolução socialista.

Referindo-se a este assunto em seu comparecimento à televisão em 1º de dezembro de 1961, expressa:

"Era necessário fazer a revolução anti-imperialista e socialista (...). A revolução anti-imperialista e socialista tinha que ser apenas uma, uma única revolução, porque não existe mais do que uma revolução. Esta é a grande verdade dialética da humanidade: o imperialismo e, diante do imperialismo, o socialismo (...)"[37]

No entanto, o Movimento 26 de Julho nunca fechou questão quanto às medidas revolucionárias que pensava implementar, porque considerava que "por ênfase numa série de reformas e de leis revolucionárias, nas condições em que se desenvolvia a luta contra Batista, debilitaria o campo das forças que enfrentavam a tirania"[38].

Vejamos em seguida os diferentes elementos que o dirigente máximo da revolução cubana considerou para elaborar a estratégia que lhe permitiria construir o bloco de forças sociais capaz de acabar não apenas com o ditador Batista, mas com todo o regime econômico e social que o sustentava.

Examinemos primeiramente qual era a correlação de classes existente e com que forças sociais podia-se levar adiante o processo revolucionário.

Partindo da análise das condições objetivas do desenvolvimento econômico e político de seu país – um país capitalista dependente com um desenvolvimento industrial médio e uma classe operária de certa importância,

---

[37] OR, p. 44; La revolución cubana..., p. 439. Sobre este assunto ver Capítulo V: "Carácter proletario y socialista de la revolución cubana", em M. Harnecker, *La revolución social (Lenin y America Latina)*, Ed. Alfa y Omega, Santo Domingo, 1985.

[38] F. Castro, Comparecimento à TV em 1º de dezembro de 1961; em OR., op. cit. p. 25; *La revolución cubana...*, op. cit. p. 405.

especialmente no campo – Fidel distinguia três forças fundamentais no cenário político:

Primeiro: os grandes proprietários de terras, "a alta burguesia e seu lumpesinato, seus gângsters, seus "mujalistas" (instrumento da reação e do imperialismo no movimento operário), o clero reacionário[39] e as próprias empresas transnacionais instaladas em território cubano. Todos estes setores acomodados e conservadores da nação tinham desfilado impudicamente diante de Batista, demonstrando-lhe seu apoio no dia seguinte ao frustrado ataque ao Palácio Presidencial, realizado pelo Diretório Revolucionário, com o objetivo de justiçar o ditador. Esta ação terminou com o massacre de grande parte do grupo que tentava realizá-la, incluindo seu líder máximo: José Antonio Echeverría[40].

Para estes setores "acomodados e conservadores da nação" convém "qualquer regime de opressão, qualquer

---

[39] OR, p. 23; *La revolución cubana*..., p. 401.

[40] José Antonio se destacou como líder já no curso secundário. Depois, quando passou para a Universidade, para estudar arquitetura, começou sendo um ativo militante da Federação Estudantil Universitária, lutando na primeira fileira contra Batista. Quando soube dos fatos de 26 de julho de 1953 lamentou não Ter sido convidado para fazer parte do grupo que desempenhou tão heróica ação. Chegou a ser presidente da FEU. Promoveu a campanha de anistia para os presos políticos. Formou, no final de 1955, o Diretório Revolucionário. Esta organização política, junto com a FEU, apoiou a grande greve açucareira de dezembro de 1955. Assinou com Final o chamado Pacto do México em setembro de 1956, primeiro grande passo na unidade das forças revolucionárias contra o tirano. Finalmente caiu em combate contra as forças policiais, a um lado da Universidade Havana, depois de discursar por rádio para o povo, como parte do plano de assalto ao Palácio da Presidência, na tarde de 13 de março de 1957.

ditadura, qualquer despotismo", afirma Fidel em sua autodefesa diante do Tribunal de Urgência de Santiago de Cuba em 16 de outubro de 1953[41], acrescentando que eram capazes de prostrar-se "frente ao amo de turno até quebrar a testa no chão[42].

Nas mãos destes setores estavam "todos os recursos financeiros, todos os recursos econômicos, toda a imprensa, todo o rádio; ou seja, todas as grandes estações de rádio, de televisão, os grandes jornais, as melhores gráficas. (...) Além disso, todas as revistas americanas, toda aquela literatura imperialista (...). Tinham todos esses recursos em suas mãos; os recursos econômicos; (...) eram, simplesmente, donos do país (...)"[43]

Segundo: a chamada "burguesia nacional", ou setores burgueses que tinham contradições com o imperialismo. Fidel estava convencido que, dadas as condições de seu país e da América Latina em geral, este setor da classe burguesa não podia encabeçar a luta anti-oligárquica e anti-imperialista. As experiências dos processos revolucionários latino-americanos tinham demonstrado suficientemente que, apesar de seus interesses contraditórios com o imperialismo ianque, quando chegava o momento, eram incapazes de enfrentá-lo, "paralisados pelo medo da revolução social e assustados com o clamor das massas explora-

41 "Discurso que depois foi reconstruído e ficou conhecido mundialmente com o título de suas últimas palavras: *La historia me absolverá*.

42 Fidel Castro, *La historia me absolverá*, Editora Política, La Habana, 1983, p. 45; *La revolución cubana...*, op. cit. p. 37.

43 F. Castro: comparecimento à TV em 1º de dezembro de 1961; em OR, op. cit. p. 25; *La revolución cubana...*, op. cit. p. 404.

das" e que, situados frente ao dilema "imperialismo ou revolução, só suas camadas mais progressistas" estariam dispostas a apoiar o processo revolucionário[44].

E *terceiro:* a única força capaz de dar impulso ao processo revolucionário de forma conseqüente: o povo cubano.

Fidel descreve com muita precisão o que entende por este conceito na autodefesa que realiza quando é julgado pelo assalto ao Quartel Moncada:

"Entendemos por povo, quando falamos de luta, a grande massa irredimida, a que todos oferecem e a quem todos enganam e traem, a que anseia por uma pátria melhor, mais digna e mais justa; a que é movida por anseios ancestrais de justiça por ter padecido a injustiça e a burla, geração após geração, a que anseia por grandes e sábias transformações em todos os níveis e que está disposta, para alcançá-lo, quando acreditar em algo ou em alguém, sobretudo quando acreditar suficientemente em si mesma, a dar até a última gota de sangue...

"Chamamos povo, se de luta se trata, aos *600 mil* cubanos que estão sem trabalho, desejando ganhar o pão honradamente sem ter que emigrar de sua pátria em busca de sustento; aos *500 mil* operários do campo que habitam casebres miseráveis, que trabalham quatro meses por ano e passam fome nos outros, compartilhando com seus filhos a miséria, que não têm uma polegada de terra para semear e cuja existência deveria levar à compaixão se não houvesse tantos corações de pedra; aos *400 mil* operários

---

[44] "II Declaración de La Habana" (4 de fevereiro de 1962), em *La revolución cubana...*, op. cit., Era, p. 482.

industriais e braçais cujas retiradas, todas, estão defasadas, cujas conquistas lhes estão sendo arrebatadas, cujas casas são as infernais habitações dos cortiços, cujos salários passam das mãos do patrão para as do dono do armazém, cujo futuro é o rebaixamento e a demissão, cuja vida é o trabalho perene e cujo descanso é o túmulo; aos *100 mil* pequenos agricultores, que vivem e morrem trabalhando uma terra que não é sua, contemplando-a sempre tristemente, como Moisés a terra prometida, para morrer sem chegar a possuí-la, que devem pagar por suas parcelas como servos feudais, uma parte de seus produtos, que não podem amá-la, nem melhorá-la, nem embelezá-la, plantar um cedro ou um pé de laranjeira, porque ignoram o dia em que virá um capanga com a guarda rural dizer-lhes que devem ir embora; aos *30 mil* mestres e professores tão abnegados, sacrificados e necessários ao destino melhor das futuras gerações e que são tão mal tratados e tão mal pagos; aos *20 mil* pequenos comerciantes sufocados de dívidas, arruinados pela crise e arrasados por uma praga de funcionários piratas e venais; aos *10 mil* profissionais jovens: médicos, engenheiros, advogados, veterinários, pedagogos, dentistas, farmacêuticos, jornalistas, pintores, escultores, etc. que saem dos cursos com seus títulos, desejosos de lutar e cheios de esperança para encontrar um beco sem saída, todas as portas fechadas, surdas ao clamor e à súplica. Este é o povo, o que sofre todas as desventuras e é portanto capaz de lutar com toda a coragem!"[45]

---

[45] F. Castro, *La historia me absolverá*, op. cit. pp. 45-48; *La revolución cubana...*, op. cit. pp. 37-38.

A via armada só depois de esgotarem-se os recursos institucionais

Nas páginas anteriores notamos que Fidel recorre à violência como último recurso, só se lançando à luta armada quando Batista cancelou a legalidade vigente com seu golpe militar de 10 de março de 1952.

"Não somos perturbadores profissionais, nem cegos partidários da violência se a pátria melhor pela qual ansiamos pode vir com as armas da razão e da inteligência – esclarece, em um documento publicado pela revista *Bohemia* poucos meses antes de receber a anistia. Nenhum povo seguiria o grupo de aventureiros que pretendesse mergulhar o país em uma guerra civil, ali onde a injustiça não predominasse e as vias pacíficas e legais franqueassem o caminho a todos os cidadãos na luta cívica das idéias. Pensamos como Martí, que é cri-

minoso quem promove em um país a guerra que pode ser evitada; e quem deixa de promover a guerra inevitável. Guerra civil que se pode evitar, a nação cubana nunca nos verá promover, como reitero que, todas as vezes que em Cuba se apresentem as circunstâncias ignominiosas que acompanharam o arteiro golpe de 10 de março, será um crime deixar de promover a rebeldia inevitável[46].

Daí que, constatando os esforços do regime por melhorar sua imagem depois das fraudulentas eleições de fins de 1954 – que transformaram o ditador em presidente "constitucional" –, ao sair da cadeia, decidiu que o mais importante naquele momento era demonstrar que as tentativas de Batista eram pura demagogia.

Em 24 de fevereiro de 1955 – quando Batista assumiu "legalmente" – tinha anunciado tanto que ia por em vigor a Constituição de 1940 – a mesma pela qual tinham lutado os heróis do Moncada – como eleições parciais para o congresso em dois anos e gerais, em quatro anos. Falava-se de planos para eleições de uma Assembléia Constituinte para rever a constituição. Por outro lado, como a campanha pela anistia dos presos políticos tinha crescido muito, não restou outra alternativa a Batista senão incluir na lista os próprios combatentes do Moncada. Todo esse clima tinha despertado esperanças de soluções de-

[46] "Fidel Castro, 19 de março de 1955. Este documento, publicado em 25 de maio na revista *Bohemia*, foi enviado para divulgação a Luis Conte Agüero, como parte de uma carta que lhe escreve Fidel em março de 1955, e foi reproduzido em M. Mencía: *La prisión fecunda*, op. cit. pp. 216-223.

mocráticas entre os setores mais atrasados do povo. Os dirigentes dos partidos burgueses tinham, em sua grande maioria, entrado no jogo.

Fidel foi libertado em um clima de aparente democratização e, para surpresa de muitos, suas primeiras palavras não foram um chamado à luta armada e, sim, a eleições gerais imediatas.

"Estamos por uma solução democrática. O único que se opôs aqui a soluções pacíficas foi o regime. A única saída que vejo para a situação cubana são eleições gerais imediatas. Falar em Constituinte é uma manobra do regime para eleger Batista, com uma oposição prefabricada, em outro vergonhoso 1º de novembro[47]. Não se deve esquecer que nós, os cubanos, amamos a paz, mas, ainda mais, a liberdade"[48].

"Quando saímos da prisão já tínhamos toda uma estratégia de luta elaborada – explicou, vários anos depois do triunfo da revolução. Mas, o mais importante, a nosso ver, naquele instante, era demonstrar que não havia solução política, isto é, solução pacífica para o problema de Cuba com Batista; mas tínhamos que demonstrar isso perante a opinião pública, já que, se o país se visse forçado à violência revolucionária não era culpa dos revolucionários, e sim culpa do regime. Então pleiteávamos que tínhamos disposição para aceitar uma solução pacífica para o problema mediante determinadas condições, con-

---

[47] Refere-se às eleições fraudulentas promovidas por Batista em novembro de 1954.

[48] Fidel Castro, Conferencia de imprensa no hotel da Ilha de Pinos, em 15 de maio de 1955, amplamente divulgada pela imprensa.

dições que sabíamos que não ocorreriam nunca. E bastaram algumas semanas para demonstrar à opinião pública que, com Batista no poder, essas possibilidades de solução pacífica para os problemas de Cuba não existiam.

A ditadura foi fechando todas as portas para Fidel. Atemorizada pela repercussão cada vez maior que suas denúncias dos crimes que cometera tinham nas massas, assim como a crítica conseqüente à linha oportunista ou imobilista adotada pelos partidos políticos com mais apoio popular, foi privando-o do acesso às estações de rádio. Foram proibidas reuniões e comícios em que estava prevista sua intervenção. Foi fechado o jornal *La Calle*, onde escrevia. A tanto se somava um ambiente de calúnias, intimidações e ameaça física.

Apesar de suas intenções de permanecer no país, sete semanas depois de ter obtido sua liberdade, o herói do Moncada se viu obrigado a sair de Cuba. Esgotados os meios legais, ele e alguns de seus companheiros mais próximos foram para o México, preparar as condições para derrubar a ditadura por um caminho revolucionário.

Do país azteca Fidel enviou a seguinte mensagem aos ortodoxos:

"Não está no ânimo do regime conceder nunca a convocação de eleições gerais imediatas, considerada por todos os setores da opinião pública como a única fórmula de solução pacífica para a tragédia que vive Cuba; menos ainda quando tem diante de si uma oposição desarmada que não demonstrou sua disposição de exigir de outra forma mais viril os direitos que arrebataram ao povo. (...) Cuba está, portanto, em uma encruzilhada, caminhando para uma prostração política e moral ainda

mais vergonhosa, que pode durar vinte anos, como dura sem esperança, em Santo Domingo e outros povos da América; ou se liberta gloriosamente de uma vez por todas da opressão. Um caminho chama-se eleições parciais: transação com a tirania, reconhecimento da legitimidade do regime, ambições desenfreadas a cargos municipais e listas de representantes, fome, miséria, injustiça, falta de vergonha, traição ao povo, esquecimento criminoso dos mortos. O outro caminho se chama *revolução:* exercício do direito que têm os povos de se rebelar contra a opressão, continuação histórica da luta de 68, de 95 e de 33, intransigência irredutível frente ao golpe traidor de março e o massacre vergonhoso de novembro, justiça para o povo oprimido e faminto, dignidade, desinteresse, sacrifício, lealdade aos mortos. Não há outra opção. Os ortodoxos sabem que chegou a hora de escolher entre uma e outra"[49].

Fidel considerava tão importante que as massas percebessem quão esgotadas estavam todas as possibilidades legais que, dias antes do desembarque do Granma, decidiu dar um ultimatum a Batista. Em declarações ao jornal governamental *Alerta* afirmou:

"Se, no prazo de duas semanas a partir da publicação desta entrevista não houver solução nacional, o Movimento 26 de Julho estará livre para iniciar a qualquer momento a luta revolucionária como única fórmula salvadora"[50].

---

[49] Fidel Castro, Mensagem ao Congresso de militantes ortodoxos, 10 de agosto de 1953. Original em OAH.

[50] Jornal *Alerta*, La Habana, 19 de novembro de 1956, pp. 1-3.

Quebrava assim o segredo da invasão alertando o inimigo, mas ganhava a confiança do povo a quem tinha prometido estar combatendo em Cuba em 1956[51].

É importante considerar que, quando Fidel decidiu empunhar novamente as armas, viu-se frente à necessidade de estabelecer uma linha de demarcação clara com outras organizações e partidos que também falavam em usar as armas contra Batista. Não apenas o Diretório Revolucionário se manifestou por esta forma de luta, mas também setores dos próprios partidos burgueses (autênticos e ortodoxos) falavam de projetos armados; armas entravam no país, faziam atentados, etc.

Daí seus pronunciamentos contra o tiranicídio e a pressa em realizar ações armadas urbanas.

Poucas semanas depois de chegar ao México, soube pela imprensa da explosão de um depósito de pólvora em Havana. Disse então: “Compreendo a impaciência do momento, mas não é ainda, no meu entender, a hora da revolução; toda a comoção é artificial; o verdadeiro estalo tem que ser preparado com mais calma e mais ciência”[52].

Algum tempo mais tarde escrevia: “Somos contrários aos métodos de violência dirigidos às pessoas de qual-

---

[51] Durante um comício dos emigrados e exilados cubanos em Nova Iorque, no Domingo, 30 de outubro de 1955, em Palm Garden, Fidel Castro lançou pela primeira vez a palavra de ordem “em 1956 seremos livres ou seremos mártires”, que depois se difundiria amplamente entre o povo. A frase foi registrada numa crônica do correspondente da Bohemia em Nova Iorque, Vicente Cubillas Jr. (“Mitin oposicionista en Nueva York”, revista *Bohemia*, 6 de novembro de 1955).

[52] Fidel Castro, Carta de 2 de agosto de 1955, dirigida a “Queridas irmãs”, termo com que disfarça seus companheiros da direção nacional do MR 26 de julho em Cuba. OAH.

quer organização oposicionista que não estão de acordo conosco e somos radicalmente contrários ao atentado pessoal. Não praticamos o tiranicídio. (...)

"O povo cubano deseja algo mais que uma simples mudança de comando. Cuba anseia por uma mudança radical em todos os campos da vida pública e social. (...)"[53]

Existiam também discrepâncias táticas entre o Diretório Revolucionário e Fidel.

Embora as duas organizações pusessem ênfase na insurreição e na greve geral para derrubar Batista, o Diretório considerava que Havana devia ser o centro nevrálgico da luta: ali estava reunido mais de um milhão de habitantes e, do ponto de vista econômico, político e militar era, sem dúvida, o centro mais importante do país. Fidel, no entanto, considerando corretamente, pelas mesmas razões, que aquele era o elo mais forte do inimigo, onde a correlação de forças lhe era mais favorável e onde a ação clandestina do movimento revolucionário era extremamente limitada e arriscada, escolheu Oriente como o cenário da luta. Nessa zona do país o regime era muito mais fraco e existiam grandes tradições revolucionárias na população. Enquanto o diretório concentrava seus principais quadros em Havana, desempenhando um papel muito importante, mas a um custo muito alto – que culminou com a morte de seu líder máximo e de uma parte de seus melhores dirigentes –, Fidel se preparava para desembarcar em Oriente e, uma vez na Sierra Maestra, lutava por concentrar os maiores recursos materiais nesta zona, onde também estavam

[53] Fidel Castro, Carta a Vicente Cubillas, 30 de outubro de 1955. OAH.

os melhores quadros do Movimento 26 de Julho. Priorizou armar as guerrilhas rurais, insistindo em que todo o armamento devia ser destinado à Sierra, tese que encontrou resistência em alguns quadros urbanos de sua própria organização.

A propaganda: elo decisivo durante a prisão e o exílio

Fidel estava plenamente convencido do importante papel que desempenha a experiência prática na formação da consciência popular; por isso não o preocupava o fato do povo cubano não estar consciente da origem de sua situação de exploração e que atribuísse apenas à imoralidade administrativa a causa de seus males; estava convencido de que podia ser educado politicamente pela própria luta revolucionária. Esta, na medida em que perseguia objetivos concretos relacionados com os interesses mais vitais do povo, poria necessariamente face a face, no terreno dos fatos, as massas exploradas e seus exploradores.

No XX aniversário do ataque ao Quartel Moncada, Fidel sintetizou os elementos que considerara para ela-

borar sua estratégia política.

"Alguns de nós, ainda antes de 10 de março de 1952, tínhamos chegado à íntima convicção de que a solução para os problemas de Cuba tinha que ser revolucionária, que o poder devia ser tomado em um momento dado com as massas e com as armas, e que o objetivo tinha que ser o socialismo – explicava, acrescentando:

"Mas como levar essa orientação às massas, que em grande parte não estavam conscientes da exploração de que eram vítimas e viam na imoralidade administrativa apenas a causa fundamental dos males sociais; e que, submetida a uma onda incessante de anticomunismo, receava, tinha preconceitos e não ultrapassava o estreito horizonte das idéias democrático-burguesas?

"Em nosso entender, as massas descontentes com as arbitrariedades, abusos e corrupções dos governantes, amarguradas com a pobreza, o desemprego e o desamparo, embora não vissem ainda o caminho das soluções definitivas, seriam, apesar de tudo, a força motriz da revolução.

"A própria luta revolucionária, com objetivos determinados e concretos, que incluísse seus interesses mais vitais e as pusesse frente a frente, no terreno dos fatos, com seus exploradores, iria educá-las politicamente. Só a luta de classes, desencadeada pela própria revolução em marcha, varreria como um castelo de cartas os preconceitos vulgares e a ignorância atroz em que eram mantidas imersas por seus opressores.

O golpe de 10 de março, que levou a frustração e o descontentamento popular ao auge e, principalmente, a covarde vacilação dos partidos burgueses e de seus líderes de mais prestígio, que obrigou o Movimento a assu-

mir a responsabilidade da luta, criaram uma conjuntura favorável para levar adiante estas idéias. Nelas se baseava a *estratégia política* da luta iniciada em 26 de julho.

"As primeiras leis revolucionárias seriam decretadas tão logo estivesse em nosso poder a cidade de Santiago de Cuba, e seriam divulgadas por todos os meios. Chamar-se-ia o povo a lutar contra Batista e pela realização concreta daqueles objetivos. Convocar-se-iam os operários de todo o país para uma greve geral revolucionária, independente dos sindicatos pelegos e dos líderes vendidos ao governo. *A tática de guerra seria ajustada ao desenrolar dos acontecimentos. Caso não pudéssemos manter a cidade com as mil armas que devíamos tomar ao inimigo em Santiago de Cuba, iniciaríamos a luta guerrilheira na Sierra Maestra*"[54].

A primeira tentativa de derrubada de Batista fracassou. Um significativo número dos "moncadistas" morreu em mãos do inimigo. Fidel e mais vinte e oito companheiros foram condenados a vários anos de presídio, salvo Haydée e Melba, cujas sanções foram reduzidas a seis meses.

Durante esse tempo e aquele que dedicou à preparação da expedição do Granma, durante o exílio no México, *as tarefas de propaganda política constituíram o elo decisivo da estratégia* adotada pelo herói do Moncada na preparação do exército político da revolução.

O primeiro grande esforço de Fidel, nas duras condições do presídio, consistiu em escrever e fazer sair do cárcere sua autodefesa.

---

[54] F. Castro, Discurso em comemoração do XX aniversário do assalto ao Quartel Moncada, em *Historia de la revolucion...,* op. cit. p. 272.

Uma vez terminada com êxito a tarefa, e tendo conseguido que o texto saísse íntegro para o exterior, em 18 de junho de 1954 encomendou a Haydée Santamaría e a Melba Hernández – que haviam sido postas em liberdade em 20 de fevereiro de 1954 – a impressão de 100 mil exemplares do discurso, que deveria ser distribuído em toda a ilha num prazo de quatro meses, pelos jornalistas, advogados, professores e profissionais em geral[55].

"Sua importância é decisiva – explicava-lhes; contém nosso programa e nossa ideologia, sem os quais é impossível pensar em nada grande (...)"[56]; tratava-se de um programa valente e avançado que, segundo Fidel, constituía, por si só, parte essencial da estratégia revolucionária"[57].

Naquele momento, o dirigente do 26 de julho considerava que "a propaganda (era algo) vital; sem propaganda não há movimento de massas, advertia; e sem movimentos de massas não há revolução possível[58].

No dia seguinte insistia no papel decisivo que a propaganda desempenha. O mesmo homem que tinha se dedicado durante longos meses a organizar um movimento político e muito especialmente ao pequeno destacamento de assaltantes do Moncada, depois dessa ação, e dada a situação do Movimento depois desta derrota, considerava que a missão do momento não era, como

55 Fidel Castro, Carta a Haydée e Melba (18 de junho de 1954), citada em: M. Mencía, *La prisión fecunda*, op. cit. p. 129.

56 Ibid. p. 130.

57 Fidel Castro, Carta a Luis Conte Agüero (12 de dezembro de 1953), em *Cartas del presidio...*, op. cit. p. 21.

58 "F. Castro, Carta a Haydée e Melba (18 de junho de 1954), op. cit. p. 130. OAH.

muitos poderiam ter pensado naquelas circunstâncias, "organizar células revolucionárias para poder dispor de mais ou menos homens".

"Nossa tarefa agora, imediatamente, escrevia, consiste em mobilizar a nosso favor a opinião pública; divulgar nossas idéias e ganhar o apoio das massas do povo. Nosso programa revolucionário é o mais completo, nossa linha, a mais clara, nossa história a mais sacrificada; temos direito a ganhar a fé do povo, sem a qual, repito mil vezes, não há revolução possível".

Em outro trecho da mesma carta insistia em que se devia abandonar "qualquer plano imediato de violência" para dar, naquele momento, prioridade absoluta ao discurso".

Antes de 26 de julho de 53 os militantes do Movimento eram "pioneiros anônimos dessas idéias"; agora – uma vez realizada a ação malograda que, no entanto, teve ressonância nacional – era necessário "lutar por elas com a cara descoberta". A "tática deve ser completamente nova, insistia. Antes éramos um punhado, agora devemos fundir-nos com o povo"[59].

Durante os meses no presídio concebeu diversas idéias propagandísticas. A primeira era dar a conhecer a todo o país sua autodefesa. A segunda – em estreita relação com aquela – era mobilizar a população em função da anistia aos combatentes do Moncada e a todos os presos políticos em geral. Esforçava-se com o máximo empenho por romper o silêncio com que a ditadura queria cercar o as-

[59] Fidel Castro, Carta de agosto de 1954, citado em M. Mencía, *La prisión fecunda*, op. cit. p. 149. OAH.

salto ao Quartel Moncada e o genocídio que se seguiu, quando um grande número de prisioneiros foi assassinado sem qualquer tipo de julgamento. E conseguiu.

A ampla circulação da "História me absolverá", a partir de outubro de 1954, converteu Fidel Castro "no mais perigoso conspirador, sempre ativo, dia e noite, presente em numerosos lugares ao mesmo tempo, sem que as forças repressoras possam seguir-lhe os passos e prendê-lo para impedir sua permanente atividade de conscientização das massas pois, simplesmente, já estava preso (...)"[60]

Em janeiro de 1955, o dirigente do 26 de Julho concebia uma nova idéia: fazer voltar a Cuba Ñico López e Calixto García – assaltantes do Quartel de Bayamo que tinham conseguido escapar ilesos e partir para o exílio – para comparecer diante dos tribunais como combatentes do Moncada. O objetivo pretendido: promover a reabertura do processo e agitar o país precisamente antes da posse de Batista em 24 de fevereiro, aproveitando a ampla divulgação que teriam esses fatos, dado o clima artificial de liberdade de expressão forjado pela ditadura para viabilizar a comédia eleitoral de novembro. "O julgamento oral, segundo Fidel, iria se converter novamente em centro da atenção pública e tribuna magnífica para expor (as) idéias do Movimento[61].

Toda esta estratégia propagandística e os métodos empregados durante seus vinte meses de presídio serviram para romper a barreira de silêncio erguida em torno dos heróis do 26 de Julho. Seu programa se divulgou por

---

[60] M. Mencía, *La prisión fecunda*, op. cit. p. 186.

[61] Ibid. p. 194.

toda a ilha. O nome de Fidel começou a ser aplaudido em manifestações públicas[62]. A campanha de anistia comoveu o país, de tal maneira que Batista se viu obrigado a libertar todos os presos políticos.

Para esta campanha contribuíram de forma significativa tanto o Partido Socialista Popular como a Federação de Estudantes Universitários (FEU), cujo presidente era José Antonio Echeverría.

Enquanto o PSP defendia – em março de 1955 – a necessidade de realizar eleições gerais, opondo-se tanto às alianças espúrias realizadas pelos partidos burgueses como às tendências 'putchistas' de alguns grupos da pequena burguesia[63]. José Antonio Echeverría dizia que, depois da farsa de 1º de novembro, era ingênuo pretender tomar o poder por meio das urnas. "Só a ação nacional enérgica, visando moldar os postulados da revolução cubana, em cujo caminho já se encontra atualmente nossa Pátria, escrevia em abril na *Bohemia*, conseguirá liquidar esta triste etapa soldadesca de nossa história republicana"[64].

Apesar de todas estas diferenças, a campanha em favor da anistia teve o mérito de unir, ainda que apenas de modo informal, os militantes do movimento organizado por Fidel e os simpatizantes dos moncadistas ao PSP e ao

---

[62] No ato de encerramento da campanha eleitoral do opositor Ramón Grau San Martín, o povo, interrompendo os oradores, gritou em coro com insistência o nome de Fidel Castro.

[63] A Díaz, "Examen de algunas cuestiones de la situación actual", relatório aprovado pela reunião ampliada da Comissão Executiva do Comitê Nacional do Partido Socialista Popular, em maio de 1955.

[64] José A. Echeverría, revista *Bohemia*, 17 de abril de 1955, citado em M. Mencía, *La prisión fecunda*, op. cit. p. 231.

Diretório, além de milhares de outros cubanos, em uma ampla frente em favor da libertação dos presos políticos e do fim da repressão.

Em 15 de maio de 1955, Fidel e seus companheiros foram libertados. Suas intenções de continuar a luta no país se modificam, como já vimos, devido à situação. Algumas semanas depois deve empreender o caminho do exílio. Dirigiu-se ao México para preparar ali uma invasão armada com o objetivo de derrubar Batista. Uma parte significativa de seu tempo foi dedicada a treinar o grupo que iria acompanhá-lo nesta odisséia e a conseguir os recursos materiais para ela, mas a propaganda continuou sendo sua preocupação fundamental.

Dedicou-se a preparar uma série de manifestos ao povo de Cuba. O primeiro deles, com uma tiragem de 50 mil exemplares, deveria começar a circular em 16 de agosto de 1955, quinto aniversário da morte de Chibás, para ser distribuído naquele dia, no cemitério. "Verão como rompemos a cortina de silêncio e vamos abrindo caminho para a nova estratégia", escrevia, em 3 de agosto daquele ano. O segundo deveria criticar as formas anteriores de luta e lançar já as novas palavras de ordem de insurreição e greve geral". Considerava tão vital este último manifesto que recomendou uma tiragem de 100 mil exemplares[65].

Estava convencido, naquele momento, de que a força de sua organização "crescerá na razão direta" da propaganda que faça[66].

---

[65] Fidel Castro, Carta de 2 de agosto de 1955, dirigida aos "Companheiros da Direção", OAH.

[66] Fidel Castro, Carta a Melba Hernández (10 de agosto de 1955), OAH.

"A impressão e distribuição da propaganda deve estar organizada de modo que não falhe nunca – escrevia alguns dias depois. Dou uma importância decisiva a isto, porque os manifestos sozinhos, circulando por todo o país clandestinamente, além de manter a moral elevada, fazem o trabalho de milhares de ativistas, convertem cada cidadão entusiasta em um militante que repete os argumentos e idéias expostas"[67].

No entanto, não devemos perder de vista que a propaganda maciça – que em si mesma engendra organização –, teve uma repercussão muito maior devido ao prestígio adquirido previamente junto ao povo pelos combatentes do Moncada, um grupo de jovens que estivera disposto a dar sua vida no assalto ao quartel e que voltou a demonstrar esta mesma disposição de entrega generosa em prol dos interesse do povo e da pátria submetida, no desembarque do Granma.

Depois, realizado o desembarque e começado a luta guerrilheira na Sierra Maestra, desempenharam um papel muito importante tanto o jornal *Revolución*, como a Rádio Rebelde. O primeiro foi o órgão de imprensa que, junto com o jornal *Alma Mater*, da FEU, anunciou que Fidel não tinha morrido no desembarque do Granma e que a partir de então informava, organizava e orientava clandestinamente o movimento contra Batista. Algum tempo mais tarde, a Rádio Rebelde, do coração da Sierra, desempenhou um papel fundamental na informação verdadeira sobre os resultados da luta entre as guerri-

[67] Fidel Castro, Carta a Melba Hernández (29 de agosto de 1955), OAH.

lhas verde oliva[68] e o exército de Batista, e na educação política do povo.

Por último, tal como imaginava Fidel, a melhor propaganda das idéias revolucionárias foi o próprio triunfo da revolução e as medidas que adotou em benefício do povo de Cuba.

Vejamos o que dizia a respeito Fidel, no XX aniversário do assalto ao Quartel Montada:

"As leis revolucionárias puseram frente a frente os exploradores e os explorados em todos os terrenos. Latifundiários, capitalistas, proprietários de terras, banqueiros, grandes comerciantes, burgueses e oligarcas de todo tipo e sua incontável corte de servidores reagiram imediatamente contra o poder revolucionário, em conluio com o imperialismo, privilegiando proprietário de grandes extensões de terras, minas, usinas de açúcar, bancos, serviços públicos, casas comerciais, fábricas, amo e senhor de nossa economia, que já não dispunha de um exército a seu serviço. Começaram então as conspirações, as sabotagens, as grandes campanhas de imprensa, as ameaças externas.

"(...) *A consciência de classe se desenvolveu de forma inusitada.* Muito depressa os operários, os camponeses, os estudantes, os intelectuais revolucionários *tiveram que empunhar as armas para defender suas conquistas do inimigo imperialista e de seus cúmplices reacionários;* (...) derramar seu sangue generoso lutando contra a CIA e os bandidos;

---

[68] Em Cuba o exército regular usava farda beje. Assim, a guerrilha adotou a cor verde oliva que até hoje, é a cor dos uniformes do Exército Cubano. (N. da T.)

(...) por-se todos em pé de guerra diante do perigo exterior; (...) combater nas costas de Girón e da Playa Larga contra os invasores mercenários.

"Ah!, mas já então as classes exploradas tinham aberto os olhos para a realidade, *tinham encontrado por fim sua própria ideologia que já não era a dos burgueses, proprietários de terras e demais exploradores, mas a ideologia revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo* (...)

"Assim, em 16 de abril de 1961, nossa classe operária, quando marchava para enterrar seus mortos com os rifles para o alto, às vésperas da invasão, proclamou o caráter socialista de nossa revolução e em seu nome combateu e derramou seu sangue, e todo um povo esteve disposto a morrer. Um salto decisivo na consciência política tinha ocorrido desde o 26 de julho de 1953. Nenhuma vitória moral poderia se comparar a esta no glorioso caminho de nossa revolução. Porque nenhum povo na América tinha sido submetido pelo imperialismo a um processo tão intenso de doutrinação reacionária, de destruição da nacionalidade e de seus valores históricos; nenhum foi tão deformado durante meio século. E eis que este povo se ergue como um gigante moral diante de seus opressores históricos e varre em poucos anos toda aquela lama ideológica e toda a imundície do macartismo e do anticomunismo.

"Na luta aprendeu a conhecer seus inimigos de classe internos e externos e nela conheceu seus verdadeiros aliados externos e internos. Diante da sabotagem do 'La Coubre' e do embargo de armas de procedência capitalista quando mais precisávamos delas, do criminoso bloqueio econômico dos Estados Unidos e do isolamento decretado pe-

los governos latino-americanos às ordens do imperialismo ianque, só do campo socialista, da grande pátria de Lenin, nos veio a mão amiga e generosa; de lá nos vieram armas, petróleo, trigo, máquinas e matérias-primas; ali surgiram os mercados para nossos produtos boicotados; de lá, percorrendo 10 000 km, chegaram navios, sulcando os mares; de lá nos chegou a solidariedade internacional e o apoio fraterno"[69].

"As idéias revolucionárias se converteram em consciência, não de uma minoria, não de um grupo. Converteram-se em consciência das grandes massas de nosso país – diria em outro texto.

"(...) Os campos tinham se definido, os inimigos tinham se definido enfim como inimigos, as massas operárias, camponesas, estudantis, as massas humildes, as camadas menos acomodadas de nosso país, setores importantes das camadas médias, setores da pequena burguesia, trabalhadores intelectuais, fizeram suas as idéias do marxismo-leninismo, fizeram sua a luta contra o imperialismo, fizeram sua a batalha pela revolução socialista"[70].

---

[69] Fidel Castro, Discurso no XX aniversário do assalto ao Quartel Moncada, em *Historia de la revolución*..., op. cit. p.275 (os itálicos são da autora).

[70] Fidel Castro, Discurso de 26 de março de 1962, em *Obra Revolucionaria* nº 10, p. 11; *La revolución cubana*..., op. cit. p. 505.

Etapas na constituição do bloco contra Batista

Fidel tinha clareza, desde que começou a preparação do grupo inicial que depois formaria o Movimento 26 de Julho, que a derrota de Batista não podia permitir "o regresso ao poder de homens moral e historicamente aniquilados e totalmente responsáveis pela situação em que o país se encontrava. Lembrem-se bem – afirmou em 19 de junho de 1954 – que nossas possibilidade de triunfo se baseiam na segurança de que o povo apoie os esforços dos homens limpos que ponham em prática desde o primeiro momento suas leis revolucionárias, apoio a que não podem aspirar homens que o enganaram e traíram[71].

---

[71] "F. Castro, Carta de 19 de junho de 1954, em *La prisión fecunda*, op. cit. p. 164.

De onde sua preocupação em transmitir uma imagem de absoluta honradez, de dedicação à defesa dos interesses do povo, ainda que com risco da própria vida – como o demonstrariam os jovens que integravam a organização no assalto ao Quartel Moncada e em suas valentes autodefesas frente aos tribunais de Batista – e de abandono de todos os métodos utilizados pelos politiqueiros tradicionais.

Por isso considerava "um grave desvio ideológico" a tendência a pactuar com os autênticos que percebeu entre alguns membros de sua organização quando estava na prisão de Ilha de Pinos.

Se, para preparar o assalto ao Quartel Moncada, não recorreram a eles, quando lhes sobravam milhões, enquanto que o Movimento andava "mendigando centavos e passando por mil penúrias para comprar armas", como iam fazê-lo agora "passando por cima dos cadáveres e do sangue dos que deram a vida por suas idéias limpas?"[72]

E, em carta a Haydée e Melba de 18 de junho de 1954, insistia, com relação ao problema dos acordos com os autênticos: "É preciso estar louco para pactuar com eles, seguindo o caminho que levou à ruína tantos líderes ortodoxos. Mais do que nunca estou convencido de que devemos manter independente o movimento, como fizemos nos momentos mais difíceis, quando ninguém queria prestar-nos a menor atenção. Sei quão dura é a luta de vocês, mas não desesperem. Tenham sempre presente o

---

[72] Ibid. p. 163.

que lhes disse em uma de minhas cartas. Lembrem-se que não se poderá tentar nada até que saiamos e que é sempre necessário saber esperar o momento oportuno. A missão de vocês é ir preparando o caminho, manter firmes os elementos de valor, que nunca são muitos, e ir captando tudo o que possa ser útil. Cuba está cheia de homens valorosos, mas é preciso encontrá-los"[73].

Com relação aos "montrealistas"[74], dizia a Melba na mesma época:

"(...) Tivemos que lutar sozinhos antes do 26, no 26 e depois do 26 (de julho). Agora representamos um ideal sem mácula e temos direito a levantar a bandeira do amanhã. Não podemos vender nossa primogenitura por um prato de lentilhas. Qual é agora a posição destes senhores? Continuam iguais, no máximo uma pequena frase de elogio para nos engambelar e fazer-nos o mesmo ou ainda mais mal do que fizeram à ortodoxia, ou seja, levá-la a uma armadilha, desprestigiá-la e depois jogá-la fora, como se joga fora uma concubina.

"Sei que é difícil manter um ponto de vista firme quando todo mundo está dizendo que a hora zero está chegando; sei de sobra que as pessoas estão desesperadas por pegar em armas e que este foi o único recurso dos montrealistas para conquistar adeptos, ou seja, oferecê-las; mas já estou farto de desesperados; são os que mais exigem e se impacientam antes da luta e são os que me-

---

[73] F. Castro, Carta a Haydée e Melba (18 de junho de 1954), em *La prisión fecunda*, op. cit. p. 162.

[74] Grupo que se formou a partes dos signatários do Pacto de Montreal, entre Carlos Prío (autêntico) e Emilio Ochoa (ortodoxo).

nos lutam quando chega a hora. Para eles a revolução não é mais do que uma bela aventura. É necessário compreender bem que hoje, mais do que uma força real, somos uma idéia, um símbolo, uma grande força potencial. Será para o bem de Cuba, se soubermos seguir uma linha. Estamos dispostos a dar, pela liberdade, até a última gota de sangue; (...) O único propósito deles é o poder; o nosso, a verdadeira revolução. Hoje dirigem a luta com o pretexto de que têm milhões, amanhã roubarão milhões, sob pretexto de que se destinam à luta. Não se pode fazer nenhum acordo, sem que haja a aceitação prévia de nosso programa, não porque seja nosso, e sim porque significa a única revolução possível, sem excluir, é óbvio, o confisco de bens de todos os corruptos de todos os governos, coisa que, sem dúvida, lhes diz respeito de muito perto. (...)

Fidel dava muito mais valor à qualidade dos quadros do que à quantidade. "Não importa que as fileiras fiquem vazias, o caminho é longo, dizia; se soubermos mantê-los, nossos princípios serão algum dia a bandeira da verdadeira e possível revolução"[75].

O fator unificador do Movimento 26 de Julho *não era* a ideologia marxista-leninista, que fora assimilada apenas por seus quadros mais avançados, e sim a luta contra Batista por uma via nova, armada, que levava a transformações sociais radicais, tanto no plano político como social, e à conquista da verdadeira soberania nacional.

---

[75] Fidel Castro, Carta a Melba Hernández (12 de maio de 1954), citado por M. Mencía, *La prisión fecunda*, op. cit. p. 91.

Fidel compreendia que, em meio ao ambiente macartista e anticomunista que reinava em seu país e no mundo, era um absurdo fazer declarações de fé marxista-leninista. Não tinha que fazer declarações, tinha que agir e demonstrar pelos fatos o quão justas eram suas propostas revolucionárias.

Tão convencido estava disso que nem sequer quadros tão próximos como o Che Guevara – que conviveu vários meses com ele no exílio e depois outros tantos na Sierra Maestra – conheciam seu pensamento mais profundo.

A respeito, parece-nos significativo lembrar que o Che esteve convencido, durante um período, que Fidel tinha apoiado o "Pacto de Miami" – um acordo muito conservador de que falaremos mais adiante – e que se tratava de um líder burguês radical.

Vejamos o que escrevia a Daniel[76] – dirigente urbano do Movimento 26 de Julho – em dezembro de 1957, quando Fidel já tinha se manifestado publicamente contra aquele Pacto.

"... Considerei sempre Fidel como um autêntico líder da burguesia de esquerda, embora sua figura seja valorizada por qualidades pessoais de extraordinário brilho, que o situam muito acima de sua classe. Com esse espírito iniciei a luta: honradamente, sem esperanças de ir além da libertação do país, disposto a ir embora quando as condições da luta posterior levassem para a direita (...) toda a ação do Movimento. No que nunca pensei foi na mudança tão radical de Fidel com relação ao Pacto de

[76] Nome de guerra de René Ramos Latour.

Miami. Parecendo-me impossível o que soube depois, isto é, que se tergiversava assim a vontade de quem é o autêntico líder e único motor do Movimento, pensei o que me envergonho de ter pensado"[77].

Só conhecendo este documento é possível entender algumas palavras da carta de despedida do Che a Fidel, antes de embrenhar-se na selva boliviana.

Ali escreveu o seguinte parágrafo:

"Fazendo uma retrospectiva de minha vida passada, creio ter trabalhado com suficiente honradez e dedicação para consolidar o triunfo revolucionário. Minha única falta de alguma gravidade é não ter confiado mais em ti desde os primeiros momentos da Sierra Maestra e não ter percebido com rapidez suficiente tuas qualidades de condutor e de revolucionário. Vivi dias magníficos e senti a teu lado o orgulho de pertencer a nosso povo nos dias luminosos e tristes da Crise do Caribe"[78].

Agora, embora Fidel estivesse absolutamente convencido de que a dispersão de forças era a "morte da revolução" e que, pelo contrário, a união de todos os revolucionários era "a morte da ditadura"[79], antes de enfrentar a tarefa de construir um movimento cívico amplo – como propõe Luis Conte Agüero em meados de 1954 – considera que seu primeiro objetivo deve ser: "organizar os homens do 26 de Julho e unir em um feixe indestru-

---

[77] Cópia do original na Oficina de Assuntos Históricos.

[78] Ernesto Guevara, Carta a Fidel Castro (1967), em *Ernesto Che Guevara: Obras 1957-1967*, Ed. Casa de las Américas, La Habana, 1970, p. 697.

[79] Fidel Castro, "Basta ya de mentiras"(9 de julho de 1956), em *Bohemia*, 16 de julho de 1956.

tível todos os combatentes, os do exílio, da prisão e da rua, o que significa mais de oitenta jovens envolvidos em um mesmo ímpeto de história e de sacrifício. A importância de um núcleo humano assim, perfeitamente disciplinado, constitui um valor incalculável para a formação de quadros de luta para a organização insurrecional ou cívica. (...)

"A tarefa de unir todos os nossos combatentes deve ser prévia – escrevia-lhe em 14 de agosto de 1954 –, posto que seria muito lamentável que a falta de um trabalho primário de persuasão produzisse perdas consideráveis em nossas fileiras. Pela experiência adquirida na etapa anterior ao 26 de Julho, posso te assegurar que um jovem provado e de confiança vale por mil e que a tarefa talvez mais árdua e demorada é encontrá-los com qualidade e prepará-los para que sua presença inicial seja de impulso decisivo. Partindo do que temos atualmente podemos multiplicar extraordinariamente nossas forças, o que significa forças dispostas a unir-se sólida e disciplinadamente às demais forças similares, com as quais formar o caudal necessário para vencer o sistema político dominante"[80].

Uma vez alcançado este objetivo inicial, deve-se buscar a constituição do movimento cívico que, segundo Fidel, "deve contar com a força necessária para conquistar o poder, tanto pela via pacífica como pela via revolucionária, ou, do contrário, corre o perigo de que lho arre-

80 Fidel Castro, Cartas a Luis Conte Agüero (14 de agosto de 1954), em *Cartas del presidio...*, op. cit. pp. 60-61.

batem, como ocorreu com a ortodoxia, a apenas dois meses das eleições"[81].

No entanto, não estava otimista quanto às possibilidades de construí-lo rapidamente. Sabia que é uma proeza unir vontades e personalidades tão díspares e estava consciente de que "um dos maiores obstáculos para a integração de semelhante movimento é o excesso de personalismo e ambições de grupos e caudilhos; a dificuldade de fazer com que cada homem de valor e prestígio ponha sua pessoa a serviço de uma causa, um veículo, uma ideologia e uma disciplina, despojando-se de toda vaidade ou aspiração"[82].

Por esta razão, confessava, o que mais admira em Martí "não são tanto as proezas dos campos de batalha, e sim aquela empresa gigantesca, heróica e calada de unir os cubanos para a luta". Estava convencido de que sem este esforço, "Cuba seria ainda uma colônia espanhola ou uma dependência ianque"[83].

E entre as condições que via então como "indispensáveis" à integração de um verdadeiro movimento cívico estavam: um mínimo de concordância no terreno ideológico, uma boa disciplina e especialmente uma chefia reconhecida.

"Não se pode organizar um movimento onde todo o mundo se ache no direito de emitir declarações públicas

---

[81] Ibid. p. 60. Refere-se às eleições que teriam lugar dois meses depois do golpe militar de Batista. As pesquisas davam vitória certa para o Partido Ortodoxo. O golpe teria o objetivo de evitar que este partido chegasse ao poder.

[82] Id. p. 59.

[83] Id. p. 60.

sem consultar ninguém – diz. E acrescenta: nem se pode esperar nada daquele que seja integrado por homens anárquicos que na primeira discrepância tomam o caminho que consideram mais conveniente, desgarrando-se e destruindo o veículo".

"É necessário criar um mecanismo que permita destruir "implacavelmente aquele que tente criar tendências, camarilhas, rachas ou levantar-se contra o movimento".

Além disso considera que seu "programa deve abranger ampla, concreta e valentemente os graves problemas econômico-sociais com que o país se defronta, de modo que se possa levar às massas uma mensagem verdadeiramente nova e promissora"[84].

Uma vez consolidado o grupo inicial do Movimento 26 de Julho e materializada sua ruptura definitiva com a direção da ortodoxia (11 de março de 1956) redobrou seus esforços para unir as forças revolucionárias.

Alguns meses depois, em setembro de 1956, esses esforços culminaram com a assinatura, junto com José Antonio Echeverría, de um documento que ficou conhecido como "Pacto do México".

Nele se diz que "as duas organizações decidiram unir solidamente seu esforço no intuito de derrubar a tirania e levar a cabo a revolução cubana"; critica-se aqueles que tendo defendido eleições gerais e livres agora aceitam as eleições parciais propostas pela ditadura; e se sustenta que tanto o 26 como o Diretório consideram que existem condições objetivas para a revolução em Cuba e que os

[84] Id. p. 61.

preparativos revolucionários estão suficientemente adiantados para oferecer ao povo sua libertação em 1956".

Naquele momento as duas organizações pensavam que o triunfo contra Batista ocorreria por meio da "insurreição, secundada pela greve geral"[85].

O manifesto conclama à união "todas as forças revolucionárias, morais e cívicas do país, os estudantes, os operários, as organizações juvenis e todos os homens dignos de Cuba, para que (os) secundem nesta luta, que se trava com a decisão de morrer ou triunfar"[86].

Este documento é um pronunciamento que une ideologicamente a juventude combatente do 26 de Julho e o Diretório quanto aos objetivos da revolução; mas o processo unitário não estava então suficientemente maduro para permitir a elaboração de uma estratégia militar única. Os campos escolhidos por cada uma destas organizações para travar sua luta são distintos[87]. Apesar das diferenças, os dois dirigentes tiveram a sabedoria de chegar a acordos unitários no que era possível naquele momento e se deram mutuamente liberdade para desenvolver os planos que achassem convenientes no aspecto tático, embora cada força tivesse uma tarefa no plano geral. Fidel reiniciaria a luta armada antes do fim de 1956, como tinha prometido, desembarcando em Cuba com um contingente armado e abrindo uma frente guerrilheira nas

---

[85] Ver Mario Mencía, "La carta de México", em revista *Bohemia*, La Habana, 24 de setembro, 1976, p. 87.

[86] Ibid. p. 88.

[87] É preciso lembrar que o Diretório considerava como ponto central de sua estratégia a sublevação da capital cubana.

montanhas orientais. O Diretório Revolucionário desenvolveria simultaneamente uma insurreição armada, tendo como centro a cidade de Havana, precedendo-a de ações destinadas a suscitar uma comoção pública. Assim, as forças da tirania teriam que se deslocar em diferentes pontos do território nacional. Por sua parte, os militantes do 26 de Julho que estavam em Cuba deviam promover ações de todo tipo para desconcertar o inimigo ao longo do país mas, principalmente, em Oriente[88].

O processo de articulação das forças revolucionárias representadas pelo 26 de Julho, o Diretório Revolucionário e o Partido Socialista Popular foi amadurecendo lentamente e só aconteceu definitivamente dois anos depois do triunfo da revolução, em 1961, quando se constituíram as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI).

Enquanto isso, Fidel fora desenvolvendo uma política de ampla unidade com todas as forças antibatistianas.

Mas, quando foi que o estrategista político pôs em primeiro plano uma política de ampla unidade?

Só o fez quando o Movimento 26 de Julho passou a constituir uma força decisiva no cenário político. Sabia que se promovesse a unidade quando o movimento ainda não estivesse suficientemente forte, corria o risco de permanecer a reboque das forças burguesas.

---

[88] M. Mencía, *La carta de México*, op. cit. p. 91.

Diferentes pactos com forças burguesas

O primeiro passo unitário com forças não revolucionárias ocorreu em 12 de julho de 1957, quando o prestígio político de Fidel já era enorme no seio do povo.

Para a Sierra se dirigiram representantes da oposição burguesa, como o presidente do Partido do Povo Cubano, Raúl Chibás, e Felipe Pazos, ex presidente do Banco Nacional de Cuba e pessoa muito próxima a Prío Socarrás, líder dos autênticos. Seu objetivo: fazer uma frente única contra Batista. O diálogo não foi fácil, pois eram muitas as avaliações diferentes que separavam a juventude revolucionária e popular, representada pelo 26 de Julho, das forças burguesas contra Batista.

Finalmente, e graças à flexibilidade tática de Fidel, conseguiu-se assinar o que historicamente ficou conhe-

cido como o “Manifesto da Sierra”. Neste documento, além da insistência em que unir forças “é a única coisa patriótica a ser feita”, já que Batista só se mantinha em pé graças à divisão de seus adversários, declara-se o desejo de participar de “eleições verdadeiramente livres, democráticas, imparciais”, esclarecendo-se que, para tanto, era necessário que esse ato cívico seja presidido por “um governo provisório, neutro” que substitua Batista e conte com o apoio de todos os partidos políticos de oposição, todas as instituições cívicas e todos os setores revolucionários.

Em seguida, uma enumeração das propostas resultantes deste Pacto:

1. Formar uma frente cívico-revolucionária com uma estratégia comum de luta.

2. Designar desde então uma figura chamada a presidir o governo provisório, cuja escolha, como prova de desprendimento por parte dos líderes oposicionistas e de imparcialidade por parte do designado, ficaria a cargo do conjunto de instituições cívicas.

3. Declarar ao país que, dada a gravidade dos acontecimentos, não existe outra solução possível senão a renúncia do ditador e entrega do poder à figura que conte com a confiança e o apoio majoritário da nação, expresso por meio de suas organizações representativas.

4. Declarar que a frente cívico-revolucionária não invoca nem aceita mediação ou intervenção alguma de outra nação nos assuntos internos de Cuba. Que, em troca, apoia as denúncias dos emigrados cubanos sobre violação de direitos humanos, junto aos organis-

mos internacionais e pede ao governo dos Estados Unidos que, enquanto persistir o atual regime de terror e ditadura, suspenda todos os envios de armas a Cuba.

5. Declarar que a frente cívico-revolucionária, por tradição republicana e independentista, não aceitaria que nenhum tipo de junta militar governasse provisoriamente a república.

6. Declarar que a frente cívico-revolucionária tem o propósito de afastar o exército da política e garantir a intangibilidade das forças armadas. Que os militares nada têm a temer do povo cubano e sim da camarilha corrompida que os envia para a morte em uma luta fratricida.

7. Declarar, sob promessa formal, que o governo provisório realizará eleições gerais para todos os cargos do estado, províncias e municípios, ao cabo de um ano, sob as normas da Constituição de 40 e do Código Eleitoral de 43, e entregará o poder imediatamente ao candidato que seja eleito.

8. Declarar que o governo provisório deverá ajustar sua missão ao seguinte programa:

a) Liberdade imediata para todos os presos políticos, civis e militares.
b) Garantia absoluta de liberdade de informação à imprensa de rádio e escrita, de todos os direitos individuais e políticos garantidos pela Constituição.
c) Designação de prefeitos provisórios em todos os municípios, mediante consultas prévias às instituições cívicas locais.

d) Supressão do peculato em todas as suas formas e adoção de medidas que tendam a incrementar a eficiência de todos os organismos do estado.
e) Estabelecimento da carreira administrativa.
f) Democratização da política sindical promovendo-se eleições livres em todos os sindicatos e federações de indústrias.
g) Início imediato de uma intensa campanha contra o analfabetismo e de educação cívica, exaltando os deveres e direitos que tem o cidadão para com a sociedade e a pátria.
h) Fixação das bases para uma reforma agrária que tenda à distribuição das terras improdutivas e a converter em proprietários todos os colonos, parceiros, arrendatários e posseiros que possuam pequenas parcelas de terra, quer sejam propriedade do estado ou de particulares, mediante indenização aos antigos proprietários.
i) Adoção de uma política financeira sadia que resguarde a estabilidade de nossa moeda e tenda a utilizar o crédito da nação em obras reprodutivas.
j) Aceleração do processo de industrialização e criação de novos empregos. (...)

"Para integrar esta frente não é necessário que os partidos políticos e as instituições cívicas se declarem insurrectas e venham para a Sierra Maestra. Basta que neguem todo apoio à tramóia eleitoreira do regime e declarem paladinamente ao país, às forças armadas e à opinião pública internacional que, depois de cinco anos de esforços inúteis, de enganações contínuas e de rios de

sangue, em Cuba não há outra saída senão a renúncia de Batista. (...)"[89]

Não há dúvidas de que o programa mínimo a que se propõe Fidel na "História me absolverá" é muito mais drástico do que este, que resultou do acordo entre os representantes burgueses e os rebeldes na Sierra. Neste último não se menciona a participação dos operários nos lucros das empresas, nem a participação dos colonos na renda da cana. Tão pouco se fala do confisco dos bens de origem ilícita, nem da nacionalização do truste elétrico e telefônico que, junto com a aplicação conseqüente da reforma agrária, se transformariam de fato em medidas anti-imperialistas.

No entanto, se lermos com atenção este documento, descobrimos a hábil mão de Fidel, na redação das diversas medidas onde se rejeita a politicagem, a intervenção estrangeira e o golpe militar como saídas políticas e se indicam uma série de tarefas de cunho democrático que, de fato, não fariam mais que favorecer a nível institucional a expressão do real apoio popular já alcançado pelo Movimento 26 de Julho, além de medidas que respondiam aos interesses dos setores nacionalistas da burguesia e que necessariamente entrariam em choque com a política econômica imperial.

O fundamental era livrar-se de Batista impedindo uma solução de troca meramente reformista: um "batistado" sem Batista, ou uma intervenção estrangeira. Isso, junto com a adoção de medidas políticas verdadeiramente de-

---

[89] Fidel Castro, "Manifiesto en la Sierra", em *La revolución cubana*..., op. cit. pp. 101-104.

mocráticas, criaria as condições para o acesso ao poder do Movimento 26 de Julho.

Várias semanas depois, em setembro, desta vez em Miami, em meio à ofensiva diplomática do novo embaixador ianque em Cuba, no sentido de propiciar a unificação das forças burguesas contra Batista, isolando o movimento revolucionário, os representantes desta classe, Prío Socarrás e Felipe Pazos – aproveitando-se da representatividade que lhes conferia o fato de ter assinado com Fidel Castro o Pacto da Sierra – promovem a formação de uma Junta de Libertação Nacional, formada pelo Partido Revolucionário Cubano (Autêntico); a Organização Autêntica; o Partido do Povo Cubano (Ortodoxo), a Federação Estudantil Universitária (FEU), o Diretório Operário Revolucionário, o Diretório Revolucionário 13 de Março, o Partido Democrata e uma delegação do Movimento 26 de Julho, que não estava autorizada pela direção a tomar tal iniciativa. O documento programático que surgiu daquela reunião se afasta em dois pontos essenciais do que propõe o Pacto da Sierra: elimina-se da declaração, tanto a rejeição expressa a toda intervenção estrangeira, como a rejeição ao advento de uma junta militar para governar provisoriamente a República – "princípios cardeais" no modo de conceber a revolução cubana por parte do 26 de Julho.

Em 14 de dezembro Fidel declarava publicamente seu desacordo com o Pacto de Miami, insistindo em que o que motiva este rompimento não é o procedimento adotado: utilizar o 26 de Julho sem consultar seus dirigentes máximos, mas a violação de pontos essenciais das bases do acordo feito na Sierra.

Na carta dirigida às organizações de oposição o dirigente cubano diz a respeito:

"Suprimir no documento de unidade a declaração expressa de que se rejeita todo tipo de intervenção estrangeira nos assuntos internos de Cuba é de uma evidente tibieza patriótica e de uma covardia que se denuncia por si só.

"Declarar que somos contrários à intervenção não é apenas pedir que não se a promova em favor da revolução porque seria menosprezar nossa soberania e, inclusive, um princípio que afeta todos os povos da América; é pedir também que não se intervenha em favor da ditadura, enviando-lhe aviões, bombas, tanques e armas modernas com as quais se sustenta o poder, e que ninguém como nós e – sobretudo – a população camponesa da serra sofreu em sua própria carne. Enfim, porque conseguir que não intervenham já é derrubar a tirania. (...)

"No documento de unidade se suprime a declaração expressa de que se rejeita todo tipo de junta militar para governar provisoriamente a república.

"O mais nefasto que poderia ocorrer à nação neste momento, por quanto estaria acompanhada da ilusão enganosa de que o problema de Cuba se resolve com a ausência do ditador, é a substituição de Batista por uma junta militar. E alguns civis da pior ralé, cúmplices até do 10 de março e hoje divorciados dele, talvez por serem mais militaristas e mais ambiciosos ainda, estão pensando nestas soluções que apenas os inimigos do progresso do país veriam com agrado.

"Se a experiência demonstrou na América que todas as juntas militares inclinam-se de novo para a autocra-

cia; se o pior dos males que castigou este continente é o enraizamento das castas militares em países com menos guerras que a Suíça e mais generais que a Prússia; se uma das mais legítimas aspirações de nosso povo nesta hora crucial em que se salva ou se afunda por muitos anos seu destino democrático e republicano, é guardar – como o legado mais precioso de seus libertadores – a tradição civilista que se iniciou na mesma gesta emancipadora e que se romperia no mesmo dia em que uma junta de uniformes presidisse a república (o que jamais tentaram nem os mais gloriosos generais de nossa independência, na guerra ou na paz); até que ponto vamos renunciar a tudo, por medo de ferir susceptibilidades (mais imaginárias que reais nos militares honestos que possam nos seguir) vamos suprimir tão importante declaração de princípios? Será que não se entende que uma definição oportuna poderia conjurar a tempo o perigo de uma junta militar que apenas serviria para perpetuar a guerra civil? Pois bem: não vacilamos em declarar que se uma junta militar substitui Batista, o Movimento 26 de Julho continuará resolutamente sua campanha de libertação. É preferível lutar mais hoje, a cair amanhã em novos e intransponíveis abismos. Nem junta militar, nem governo títere, joguete de militares! Civis que governem com decência e honradez, os soldados para os seus quartéis, e cada qual cumprindo seu dever!"[90]

"(...) O importante para a revolução – diz, em outro trecho da mesma carta – não é a unidade em si, mas as

[90] Ibid. pp. 109-110.

bases desta unidade, a forma de viabilizá-la, e as intenções patrióticas que a animem"[91].

Passam-se sete meses, a frente cívica não se consolida, ao contrário do Exército Rebelde, que durante esses meses consegue barrar a ofensiva geral batistiana de junho e se prepara para a contra-ofensiva.

O ano de 1958 começou com augúrios de paz. Em julho deviam realizar-se eleições gerais para presidente e vice-presidente, senadores, prefeitos e vereadores. Isso obrigou a restabelecer as garantias constitucionais, os partidos políticos se reestruturaram, e a censura de imprensa foi suspensa.

Foi assim que o país inteiro conheceu os desmandos do regime e as torturas e os crimes cometidos, ao mesmo tempo em que começou a se informar acerca das atividades do Exército Rebelde.

Por seu lado, o Episcopado promoveu uma Comissão de Concórdia Nacional, integrada por personalidades da época, secundadas pelos mais proeminentes fazendeiros, comerciantes e banqueiros.

"(...) Em síntese, esta comissão buscava um acerto entre Fidel e Batista, mediante o qual o Exército Rebelde deporia as armas, os presos políticos seriam libertados, permitido o regresso dos exilados, restabelecidas as garantias constitucionais e se realizariam eleições livres com a participação do Movimento 26 de Julho como mais um partido político tradicional. Está evidente o caráter de manobra e de completa sujeição ao regime

[91] Id. p. 108.

desta gestão de paz. O Comandante Fidel Castro denunciou em 9 de março de 1958, em carta pública, os objetivos desta comissão, com o que terminou sua curta vida"[92].

Um mês depois ocorria o malogro da greve geral. Depois, em junho, Batista, cheio de valentia com estes resultados, lançou uma grande ofensiva para liquidar o Exército Rebelde. Fracassou redondamente. O inimigo saiu muito debilitado e o movimento revolucionário enormemente fortalecido por brilhantes êxitos militares, contra forças muito numerosas.

Foi então – 20 de julho de 1958 – que Fidel considerou chegado o momento propício para chamar à formação de uma ampla Frente Cívica Revolucionária. Representantes do mais variado espectro de forças políticas e sociais do país assinam um documento unitário, conhecido historicamente como "Pacto de Caracas"[93].

Pela importância deste acontecimento, transcreveremos aqui grande parte de seu texto.

O manifesto descrevia, em primeiro lugar, a situação em que se encontrava Cuba naquele momento:

---

92 Ramiro Abreu, *En el último año de aquella república*, op. cit. p. 100.

93 Entre os signatários estavam: Fidel Castro, Movimento 26 de Julho; Carlos Prío Socarrás, Organização Autêntica; E. Rodríguez Loeches, Diretório Revolucionário; David Salvador, Orlando Blanco, Pascasio Lineras, Lauro Blanco, José M. Aguilera, Angel Cofiño, Unidade Operária; Manuel A. de Varona, Partido Cubano Revolucionário (A); Lincoln Rodón, Partido Democrata; José Puente e Omar Fernández, Federação de Estudantes da Universidade; Capitão Gabino Rodríguez Villaverde, ex oficial do exército; Justo Carrillo Hernández, Grupo Montecristi; Angel María Santos Buch, Movimento de Resistência Cívica e doutor José Miró Cardona, coordenador secretário geral.

"O processo insurrecional se estendeu a todo o país. Nas regiões montanhosas de Cuba se abriram novas frentes de batalha, e nas planícies, guerrilhas e colunas fustigam constantemente o inimigo. Atualmente, na Sierra Maestra, milhares e milhares de soldados, na maior ofensiva tentada por Batista, arremetem contra a coragem dos combatentes revolucionários que defendem palmo a palmo, até a última gota de seu sangue, os territórios livres de Cuba. Na zona de Oriente, travando grandes combates, forças da coluna número seis Frank País dominam a terça parte da província. Nas planícies de Oriente, a coluna número dois se bate desde Manzanillo até a região camagueyana de Nuevitas. Em Las Villas, a frente do Escambray do Diretório Revolucionário está há vários meses guerreando bravamente e fazendo incursões pela província central de Cuba. Naquela província se batem também núcleos autênticos e do 26 de Julho. Em Cienfuegos e Yaguajay, guerrilhas revolucionárias lutam e se movem intensamente. Pequenas guerrilhas operam em Matanzas e em Pinar del Río. Em cada rincão de Cuba, uma luta a morte se trava entre a liberdade e a tirania, enquanto no estrangeiro numerosos exilados e emigrados se esforçam por libertar a pátria oprimida"[94].

Em segundo lugar, exorta à formação de uma ampla frente nacional contra Batista, sem exclusão de nenhum setor.

"Consciente de que a coordenação dos esforços humanos, dos recursos bélicos, das forças cívicas, dos seto-

---

[94] Fidel Castro, Pacto de Caracas, em *La revolución cubana...*, op. cit. pp. 123-124 (itálicos da autora).

res políticos e revolucionários de todos os núcleos oposicionistas, civis, militares, operários, estudantes, profissionais, econômicos e populares podem derrubar a ditadura em um esforço supremo, os signatários deste documento unimos nossa contribuição, ao adotar um acordo em favor de *uma grande frente cívica revolucionária de luta, de todos os setores,* para que, ombro a ombro, trazendo cada um seu patriotismo e seus esforços, unidos arranquemos do poder a ditadura criminosa de Fulgêncio Batista e devolvamos a Cuba a ansiada paz e o caminho democrático que conduza nosso povo ao desenvolvimento de sua liberdade, de sua riqueza e de seu progresso. Todos estamos de acordo quanto à necessidade de unir-nos, e o povo assim o quer"[95].

Em terceiro lugar chama a atenção para um dos pilares da união das forças oposicionistas: o caminho a seguir para eliminar a ditadura:

"(...) Estratégia comum de luta para derrubar a tirania mediante a *insurreição armada,* reforçando em curtíssimo prazo todas as frentes de combate, armando os milhares de cubanos que estão dispostos a combater pela liberdade. *Mobilização popular* de todas as forças operárias, cívicas, profissionais, econômicas, para culminar o esforço cívico em uma grande *greve geral,* e o bélico em uma *ação armada juntamente com todo o país.* Deste empenho comum Cuba surgirá livre, evitando-se nova e dolorosa efusão de sangue das melhores reservas da pátria. A vitória será possível sempre, mas mais

[95] Ibid. p. 124 (itálicos da autora).

tardia se não se coordenarem as atividades das forças oposicionistas"[96].

Em quarto lugar explica o tipo de governo que deve se estabelecer com a caída do tirano: breve "governo provisório" que devolva ao país "o processo constitucional e democrático"[97].

Em quinto lugar enumera sucintamente os principais pontos de um programa mínimo de governo: deve garantir "o castigo dos culpados, os direitos dos trabalhadores, a ordem, a paz, a liberdade, o cumprimento dos compromissos internacionais e o progresso econômico, social e institucional do povo cubano"[98].

Em sexto lugar, reafirma a decisão de defender a *"soberania nacional"* e pede ao governo dos Estados Unidos que "cesse toda ajuda bélica e de qualquer ordem ao ditador"[99].

Por fim, chama os mais diversos setores sociais a se unirem na luta contra Batista:

"Aos *militares* dizemos que chegou o momento de negar seu apoio à tirania; que confiamos neles, que sabemos que há homens dignos nas forças armadas e que se, no passado, centenas de oficiais, classes e soldados pagaram com a vida, a prisão, o desterro ou a reserva, seu amor à liberdade e sua oposição à tirania, muitos permanecem nesta atitude. Esta não é uma guerra contra as forças armadas da república, mas contra Batista, único obs-

---

[96] Id. (itálicos da autora).

[97] Id.

[98] Id.

[99] Id.

táculo à paz que desejam, anseiam e necessitam todos os cubanos, civis e militares. Aos operários, aos estudantes, aos profissionais, aos comerciantes e industriais, assim como aos colonos, fazendeiros e camponeses, aos cubanos de todas as religiões, ideologias ou raças, pedimos que se unam a este esforço libertador, que derrubará a infame tirania que durante anos regou com sangue o solo da pátria, ceifando suas melhores reservas humanas, arruinando sua economia, perturbando até seus alicerces todas as instituições cubanas, ao interromper o processo democrático e constitucional do país; que conduziu a esta cruenta guerra civil que terminará com o triunfo da revolução, pelo *esforço unido de todos.* Chegou a hora da inteligência, do patriotismo, da coragem e do civismo de seus homens e mulheres salvarem a pátria oprimida com a decisão de todos os que sentimos muito no fundo o destino histórico de nossa nação, seu direito de ser livre e de construir na comunidade democrática, como forma essencial da vida, o futuro formoso a que tem direito por sua história e pelas imensas possibilidades que lhe abrem suas riquezas naturais e a indubitável capacidade de seus filhos"[100].

Termina exortando "todas as forças revolucionárias, cívicas e políticas" a que subscrevam esta declaração e convoca para uma reunião os representantes de todos os setores "sem exclusão alguma, para discutir e aprovar as bases da unidade"[101].

---

[100] Id. pp. 124-125 (itálicos da autora).

[101] Id. p.125.

Embora nunca tenha se constituído formalmente, esta ampla frente política – tendo respondido organicamente ao chamado unitário apenas o Partido Socialista Popular, além do Diretório Revolucionário, com quem estava formalizado um processo unitário desde 1955 – de fato foi uma ação conjunta de todas estas forças que derrubou Batista, embora, é claro, o peso relativo de cada uma delas fosse muito diferente.

Para alcançar esse objetivo, Fidel aceitou sem problemas que o novo governo, fruto da revolução, fosse constituído por personalidades provenientes, em sua maioria, da grande burguesia cubana, uma "equipe de governo conservadora", como ele mesmo chamou-o posteriormente[102]. Isso não tinha maior importância porque "a força das massas e a força armada" estavam "em mãos revolucionárias"[103] e essa força constituía o poder real da revolução.

Fidel achava correto adotar este caminho nos primeiros meses depois do triunfo, já que "a correlação de forças existente – de ordem social, de ordem política, e de ordem ideológica, (...) sobretudo a correlação de forças ideológicas, ainda existente no país, "determinavam que este fosse o governo mais conveniente. O importante era que os revolucionários contavam com a "simpatia das massas" e com o "Exército Rebelde"[104].

---

[102] F. Castro, Comparecimento à TV em 1º de dezembro de 1961; *La revolución cubana...*, op. cit. p. 410.

[103] OR, p. 27; *La revolución cubana...*, p. 408.

[104] Ibid.

Conclusões

1. O inimigo imediato e a amplitude da frente política

A estratégia seguida por Fidel para formar o bloco de forças sociais que permitiu a derrubada de Batista e depois a marcha para o socialismo nos deixa grandes lições.

Embora o dirigente cubano soubesse perfeitamente que as únicas forças revolucionárias conseqüentes eram as que estavam compreendidas em seu conceito de "povo", sabia também que as classes dominantes contavam com meios muito poderosos para manter o regime estabelecido, entre eles o apoio do país imperial mais poderoso do mundo.

Seu grande mérito histórico foi ter sabido definir com clareza qual era o elo decisivo que permitiria romper toda

a cadeia e desta maneira fazer avançar a revolução, e que não era outro senão a luta contra Batista e o regime que ele encarnava. Era necessário unir o máximo de forças sociais para derrubar a tirania, unir não apenas as classes e setores revolucionários, mas também os setores reformistas e ainda aqueles setores reacionários que tivessem a mínima contradição com o ditador.

Por isso o programa do Moncada propunha apenas medidas de tipo "democrático-burguês" e embora houvesse algumas que afetassem os interesses norte-americanos, nunca foi feita uma declaração formal anti-imperialista. Depois, no Pacto da Sierra, como vimos, desaparecem até as medidas relacionadas às nacionalizações, para terminar no Pacto de Caracas, com um programa mínimo reduzido às medidas mais essenciais: castigo para os culpados, defesa do direito dos trabalhadores, ordem, paz, liberdade, cumprimento dos compromissos internacionais e busca do progresso econômico, social e institucional do povo cubano.

No que Fidel nunca cedeu foi nas questões de fundo, as únicas que podiam estancar o desenvolvimento do processo revolucionário, e que eram: *a não aceitação da ingerência estrangeira, o repúdio ao golpe militar e a negativa de formar uma frente que excluísse alguma força representativa de algum setor do povo.*

As linhas mais gerais acerca da necessidade de formar uma frente ampla anti-imperialista e anti-oligárquica ficaram definidas na *II Declaração de Havana*, em 4 de fevereiro de 1962. É por isso que, doze anos depois, preocupado com a desunião das forças democráticas e progressistas do Chile, e, concretamente, com a ausência de

critérios comuns dentro da própria Unidade Popular (frente política que apoiava Allende), em um momento em que a ofensiva das forças reacionárias já estava evidente, decidiu recordar estas palavras. E o fez, justamente, na parte final de seu discurso de despedida, depois de ter visitado o Chile durante várias semanas, em 2 de dezembro de 1971.

Vejamos o que diz a respeito:

"O imperialismo, utilizando os grandes monopólios cinematográficos, suas agências telegráficas, suas revistas, livros e jornais reacionários, recorre às mentiras mais sutis para semear o divisionismo e inculcar entre as pessoas mais ignorantes o medo e a superstição com relação às idéias revolucionárias, que só aos interesses dos poderosos e dos exploradores e a seus privilégios seculares podem e devem assustar.

"O divisionismo, resultado de todo tipo de preconceitos, idéias falsas e mentiras; o sectarismo, o dogmatismo, a falta de amplitude para analisar o papel que cabe a cada camada social, a seus partidos, organizações e dirigentes, dificulta a unidade de ação imprescindível entre as forças democráticas e progressistas de nossos povos. São vícios de crescimento, doenças da infância do movimento revolucionário que devem ficar para trás. Na luta anti-imperialista e anti-feudal é possível articular a imensa maioria do povo em função de metas de libertação que unam o esforço da classe operária, os camponeses, os trabalhadores intelectuais, a pequena burguesia e as camadas mais progressistas da burguesia nacional. Estes setores compreendem a imensa maioria da população e aglutinam grandes forças sociais capazes de varrer

o domínio imperialista e a reação feudal. Neste amplo movimento podem e devem lutar juntos pelo bem de suas nações, pelo bem de seus povos, e pelo bem da América, desde o velho militante marxista até o católico sincero que não tenha nada a ver com os monopólios ianques e os senhores feudais da terra.

"Esse movimento poderia arrastar consigo os elementos progressistas das forças armadas, humilhadas também pelas missões militares ianques, a traição das oligarquias feudais aos interesses nacionais e a imolação da soberania nacional aos ditames de Washington.

"Estas idéias – disse – foram expressas há dez anos e não se distinguem em nada das idéias de hoje"[105].

Mas esta ampla política de alianças que Fidel teve em mente desde o início, que incluía uma preocupação especial com a recuperação do maior número possível de elementos do aparelho repressivo do estado (vale lembrar as palavras dirigidas aos militares e aos juizes em sua autodefesa), foi implementada seguindo, por sua vez, determinadas considerações estratégicas. Fidel buscava primeiramente a unidade das forças revolucionárias e só depois de realizar um esforço neste sentido é que propõe uma unidade mais ampla. É importante observar aqui que a não obtenção plena da unidade entre os revolucionários não o detém em seu avanço para a unidade mais ampla. Mas só deu passos concretos em sua direção quando o Movimento 26 de Julho conseguiu constituir uma força respeitável

[105] Fidel Castro, 2 de dezembro de 1971, em *Cuba-Chile*, Comisión de Orientación Revolucionaria, La Habana, 1972, p. 487.

e sua estratégia de luta fora experimentada com êxito na prática, ou seja, quando logrou alcançar uma repercussão decisiva no cenário político. De outro modo corre-se o perigo, como já notamos, de ficar a reboque das forças burguesas.

Refletindo, em dezembro de 1961, sobre o processo de unidade com as forças burguesas e concretamente sobre o rompimento do Pacto de Miami, dizia:

"(...) Ficamos sós; mas, realmente, naquele momento, valia mil vezes mais caminhar sozinhos do que mal acompanhados.

"(...) Por que, naquela época, quando éramos cento e vinte homens armados, não nos interessava aquela unidade ampla com todas as organizações que estavam no exílio e, no entanto, depois, quando tínhamos já milhares de homens, sim, a unidade ampla nos interessava? Muito simples, porque quando éramos cento e vinte homens, a unidade teria proporcionado clara maioria a elementos conservadores e reacionários ou representantes de interesses não revolucionários, ainda que estivessem contra Batista. Naquela união éramos uma força muito reduzida. No entanto, quando no final da luta todas aquelas organizações já tinham se convencido de que o movimento marchava vitoriosamente para a frente e que a tirania seria derrotada, e se interessaram pela unidade, nós já éramos uma força decisiva naquela unidade"[106].

---

[106] F. Castro, Comparecimento à TV de 1º de dezembro de 1961; OR, op. cit. pp. 27-28; *La revolución cubana...*, op. cit. p. 407.

2. Critérios quanto à unidade das forças revolucionárias

Com relação à articulação da unidade das forças revolucionárias, Fidel forneceu alguns critérios de grande interesse numa conversa com estudantes chilenos em 1971:

"O ideal em política é a unidade de critérios, a unidade de doutrina, a unidade de forças, a unidade de comando, como em uma guerra. Porque uma revolução é isso: é como uma guerra. É difícil conceber a batalha com dez comandos diferentes, dez critérios diferentes, dez doutrinas militares diferentes, e dez táticas. O ideal é a unidade. Mas, isso é o ideal. Outra coisa é o real. E creio que cada país tem que se acostumar a ir travando sua batalha nas condições em que se encontre. Não pode haver uma unidade total? Pois bem. Vamos buscar a unidade neste critério, neste outro e neste outro. É preciso buscar a unidade de objetivos, unidade em determinadas questões. Posto que não se pode conseguir o ideal de uma unidade absoluta em tudo, por-se de acordo quanto a uma série de objetivos.

"O comando único – ou, se se quiser, o estado maior único, é o ideal, mas não é o real. E, portanto, será necessário adaptar-se à necessidade de trabalhar com o que há, com o real"[107].

Em relação ao processo de unificação das forças revolucionárias, podemos extrair três grandes lições da experiência cubana:

---

[107] Fidel Castro, Conversa com os estudantes da Universidade de Concepción, em *Cuba-Chile*, Chile, 18 de novembro, 1971, op. cit. p. 274.

A primeira, já expressa nas palavras de Fidel anteriormente citadas: é necessário que os dirigentes revolucionários tenham como preocupação central avançar no processo de unidade das forças revolucionárias e para isso *não se deve partir das metas máximas, mas das metas mínimas.* Um exemplo é o Pacto do México, entre o Movimento 26 de Julho e o Diretório Revolucionário.

A segunda: o que mais ajuda à unificação das forças revolucionárias é *por em prática uma estratégia que demonstre ser a mais correta* na luta contra o inimigo principal. Se produz frutos satisfatórios, o resto das forças verdadeiramente revolucionárias irá se submetendo a ela, durante a luta, no momento do triunfo ou nos meses ou anos posteriores.

Se a unidade em todos os níveis se gesta prematuramente, antes que estejam suficientemente maduras todas as condições necessárias, o que pode ocorrer é que, ou se chegue a formar uma unidade puramente formal, que tende a fazer-se em pedaços diante do primeiro obstáculo que apareça no caminho, ou pode inibir estratégias corretas, representadas por grupos minoritários que, em prol da unidade, decidem renunciar a elas para submeter-se ao critério da maioria, com as conseqüências negativas decorrentes para o processo revolucionário em seu conjunto.

E, terceiro, algo muito importante para obter-se a unidade perdurável das forças revolucionárias – e de que Fidel foi sempre um ardente promotor –, *valorizar de forma correta a contribuição de todas as forças revolucionárias*, sem fixar cotas de poder, nem em relação a seu grau de participação no triunfo da revolução, nem em relação à

quantidade de militantes que possua cada organização. Ou seja, estabelecer a igualdade de direitos de todos os participantes, combatendo qualquer "complexo de superioridade" que possa aparecer em alguma das organizações que participam da unidade.

As contribuições mais importantes de Fidel sobre este assunto ocorrem em sua luta contra o sectarismo, especialmente no chamado primeiro processo contra Escalante, em março de 1962, quando Aníbal Escalante, secretário de organização das ORI – primeiro esforço para institucionalizar a unidade das forças revolucionárias depois do triunfo da revolução – começa a ocupar todos os postos e funções com "velhos militantes marxistas", o que em Cuba não queria dizer outra coisa senão ser militante do PSP, único partido marxista antes da revolução.

Em lugar de uma organização livre, de revolucionários, estava se criando uma "camisa de forças", um "jugo", "um exército de revolucionários domesticados e amestrados". Fidel insistia, naquele momento, em que é necessário combater tanto o sectarismo "da Sierra", como o sectarismo "dos velhos militantes comunistas marxistas".

E, a propósito, afirmava:

"A revolução está acima de tudo o que tínhamos feito, cada um de nós: está acima e é mais importante do que cada uma das organizações que havia aqui, Vinte e seis, Partido Socialista Popular, Diretório, tudo. A revolução em si mesma é muito mais importante do que tudo isso.

"Que é a revolução? A revolução é um grande tronco que tem suas raízes. Essas raízes, partindo de diferentes pontos, se uniram em um tronco; o tronco começa a cres-

cer. As raízes têm importância, mas o que cresce é o tronco de uma grande árvore, de uma árvore muito alta, cujas raízes vieram e se juntaram no tronco. O tronco é tudo o que já fizemos juntos, desde que nos juntamos; o tronco que cresce é tudo o que nos falta fazer e que continuaremos fazendo juntos. (...)

"O importante não é o que tenhamos feito cada um separadamente, companheiros; o importante é o que vamos fazer juntos, o que há tempo já estamos fazendo juntos: e o que estamos fazendo juntos nos interessa a todos, companheiros, por igual. (...)"[108]

Nesse mesmo dia diria em outro discurso, referindo-se a seu próprio caso "Também pertenci a uma organização. Mas as glórias dessa organização são as glórias de Cuba, são as glórias do povo, são as glórias de todos. E eu, um dia – acrescentou, deixei de pertencer àquela organização. Em que dia? No dia em que tínhamos feito uma revolução maior do que nossa organização; no dia em que tínhamos um povo, um movimento muito maior do que nossa organização; quase no final da guerra, quando já tínhamos um exército vitorioso que teria que ser o exército da revolução e de todo o povo; no triunfo, quando o povo inteiro se juntou a nós e mostrou seu apoio, sua simpatia, sua força. E, ao marchar atravessando vilarejos e cidades, vi muitos homens e muitas mulheres; centenas, milhares de homens e mulheres com seus uniformes vermelhos e negros do Movimento 26 de Julho; mas mais milhares e milhares tinham uniformes que não

[108] Fidel Castro, Discurso de 26 de março de 1962, em *Obra revolucionaria*, nº 10, p. 29-30; *La revolución cubana...*, op. cit. p. 539.

eram vermelhos nem pretos, mas camisas de trabalhadores e de camponeses e de homens humildes do povo. E desde aquele dia, sinceramente, no mais profundo de meu coração, passei, daquele movimento que amávamos, sob cujas bandeiras lutaram os companheiros, passei para o povo; pertenci ao povo, à revolução, porque realmente tínhamos feito algo superior a nós mesmos"[109].

[109] Fidel Castro, discurso de 26 de maio de 1962, em *Obra revolucionaria*, nº 11, 27 de março, 1962, pp. 36-37; *La revolución cubana*..., op. cit. pp. 545-546.

Anexo

O partido único em Cuba e a questão da soberania nacional

Antes de abordar o assunto do partido único em Cuba quero propor a seguinte tese: a existência de vários partidos ou de um só não é uma questão de princípio, não é um dogma; depende da forma concreta que a luta de classes adota em cada país, e que não é alheia à luta de classes a nível internacional.

Considero que não devemos cair nem no fetichismo do pluralismo, nem no fetichismo do partido único. Há tipos de pluripartidarismo que são puramente formais. Isso ocorre quando há dois partidos diferentes com um programa muito semelhante, como é o caso dos partidos Republicano e Democrata nos Estados Unidos. Mas isso não quer dizer que seja sempre assim. Existem formas de pluripartidarismo em que os diferentes partidos realmen-

te refletem diferentes interesses de classe, como sucede em muitos países europeus e da América Latina. De igual modo, o partido único – que foi um instrumento valioso em alguns países socialistas, pode descambar, se se exclui o debate interno e toda forma de controle popular sobre seus militantes – como ocorreu nos países socialistas do Leste – em uma ditadura do partido. Ali o partido perdeu seu caráter instrumental para tornar-se um objetivo em si mesmo, desvinculado totalmente das massas.

E que pensar do tão debatido tema do partido único em Cuba? A primeira coisa a considerar é a realidade histórico-social que existe nesse pequeno país a 90 milhas do império mais poderoso do mundo, e que estrutura política e instrumentos de condução requeria para levar adiante sua luta pela libertação nacional e pelo socialismo.

É preciso começar por esclarecer que o Movimento 26 de Julho, a organização que conduziu o processo revolucionário à vitória, foi uma organização política criada por Fidel e um grupo de revolucionários cubanos que *não* se inspiraram nos partidos comunistas clássicos, e sim nas idéias de Martí sobre organização.

José Martí, prócer cubano que lutou pela independência de Cuba da Espanha, comprovou que os patriotas não alcançavam seus objetivos libertários – Cuba foi o último país da América Latina que conseguiu sua independência –, porque existia desunião entre as forças independentistas. Estas divisões não eram apenas divisões no terreno político, mas também entre os que faziam política e os que empunhavam as armas. Para superar este problema, concebeu a idéia de reunir em um só feixe todas as forças

dispostas a lutar pela independência de seu país e, ao mesmo tempo, de Porto Rico.

Surgiu assim a idéia do Partido Revolucionário Cubano, com uma concepção, não de partido classista, mas de partido-frente: o partido da nação cubana. Pretendia agrupar todos os patriotas cubanos – fossem quais fossem os setores sociais que representassem – em uma única organização política que superasse os erros e divisões do passado.

Anos mais tarde, Fidel, apesar de sua concepção marxista da política, não ingressou no Partido Socialista Popular, nome que o Partido Comunista adotara, mas no Partido Ortodoxo, que representava a pequena burguesia radical anti-imperialista, e a partir dali começou a formar o núcleo inicial do Movimento 26 de Julho, inspirado na concepção martiana de partido.

Fidel, desde que começou a formar o Movimento 26 de Julho, tinha clareza de que era importante unir todos os revolucionários. Em conseqüência, fez esforços para obter acordos unitários com as outras forças da esquerda cubana: o Partido Socialista Popular (PSP) e o Diretório Revolucionário, conseguindo que, antes do desembarque do Granma, fosse tornado público um manifesto com o Diretório Revolucionário. Posteriormente, poucos meses antes do triunfo, alguns quadros do PSP se integraram à luta guerrilheira. E uma vez obtido o triunfo, é importante destacar que os comunistas cubanos têm o grande mérito histórico de ter reconhecido a indiscutível liderança de Fidel. Há outros partidos comunistas que não foram capazes deste gesto. No caso da Nicarágua, por exemplo, alguns partidos marxistas não foram capazes

de reconhecer a liderança sandinista e continuaram lutando contra a FSLN – Frente Sandinista de Libertação Nacional –, depois do triunfo: preferiram aliar-se à burguesia, representada pela UNO, do que apoiar a FSLN nas últimas eleições.

Mas em Cuba, não só houve um gesto do PSP, como também houve um gesto de Fidel. O dirigente cubano, adotando depois do triunfo uma posição patriótica e antisectária, deixou de pertencer – segundo suas próprias palavras – ao Movimento 26 de Julho e adotou como sua a bandeira da revolução, que era algo muito maior que sua organização político-militar, porque dela participava todo o povo. Em linguagem popular, Fidel abandonou a camiseta do partido e vestiu a da revolução.

Parece-nos também importante lembrar que, por outro lado, imediatamente depois do triunfo em Cuba já não existiam partidos burgueses. Seus dirigentes tinham ido para Miami durante a ditadura de Batista ou imediatamente depois de sua derrubada.

Mas, uma vez concluída com êxito a luta contra Batista, começou uma guerra mais longa e mais dura: a luta contra o imperialismo – prevista e anunciada por Fidel em carta a Celia Sánchez quando estava na Serra. E foi então que ganhou importância ainda maior a idéia martiana de agrupar as forças revolucionárias num só partido. Naquele momento existiam três organizações políticas opositoras importantes: o PSP, o Diretório e o 26 de Julho.

Fidel sabia que qualquer fissura nas fileiras do povo podia permitir ao imperialismo começar a solapar essa

revolução por dentro. Daí que, à medida em que cresce a luta contra os Estados Unidos, acentua-se também seu esforço por chegar a dar uma estrutura única aos três partidos mencionados. A primeira tentativa foi a formação das Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), dois anos depois do triunfo da revolução.

Ernesto Che Guevara conta que pensaram em um organismo ligado às massas, formado por "quadros estritamente selecionados" e em uma organização "ao mesmo tempo centralizada e elástica"; e, para construí-la "confiaram cegamente na autoridade ganha em muitos anos de luta pelo Partido Socialista Popular"[110].

Neste contexto – e contra a opinião de antigos dirigentes de seu próprio partido e de Fidel – foi que Aníbal Escalante, dirigente do Partido Socialista Popular e secretário de organização das ORI, cai em desvios sectários, tentando controlar o nascente organismo unitário, ocupando os cargos com militantes do PSP.

Estes desvios sectários são detectados a tempo e, em 26 de março de 1962, se realiza o chamado "primeiro processo de Escalante", onde Fidel critica o sectarismo e responsabiliza por este desvio uma série de quadros do PSP, especialmente Aníbal Escalante. Este processo termina com a dissolução desta primeira tentativa de unificação das forças revolucionárias.

Naquele mesmo ano teve início um novo esforço unificador, criando-se o Partido Unido da Revolução Socialista (PURS), que correspondia ao caráter socialista que

[110] Ernesto Guevara, O partido marxista-leninista (1963), em *Escritos y discursos*, Editora Política, La Habana, 1985, t. 7, p. 10.

o processo cubano assumira abertamente depois da invasão de Playa Girón.

Depois da experiência negativa das ORI, seus ensinamentos são assimilados e se decide que sejam as massas que selecionem os candidatos ao partido, entre os trabalhadores mais destacados, considerando-se muito importante que os militantes da nova organização política tenham pleno apoio e prestígio entre as massas.

Durante aqueles anos o PURS não cresce, se depura.

Cerca de três anos depois cria-se, em 3 de outubro de 1965, o Partido Comunista de Cuba (PCC) e se constitui seu primeiro Comitê Central, quando já se considerava superada a etapa dos diversos matizes e das distintas origens dos militantes revolucionários.

Esta é a história e o contexto em que nasceu o partido único em Cuba.

Está bem, poderão dizer vocês, esta é a história, mas por que, hoje, quando a direção cubana garante que Fidel tem o imenso apoio da população, não se permite a criação de outros partidos? Penso que a seguinte comparação pode ajudar a compreender o repúdio cubano ao multipartidarismo: por que foi tão importante para o futuro de Cuba desmantelar os planos que o imperialismo tinha com a invasão de Playa Girón? Porque era fundamental impedir que se estabelecesse uma cabeça de praia contra-revolucionária que permitisse instalar em território cubano um governo provisório que receberia de imediato todo o apoio dos Estados Unidos para ir reconquistando, a partir dali, o resto do território; da mesma maneira, permitir a criação em Cuba de outros partidos políticos neste momento em que a correlação de forças mun-

dial é desfavorável ao socialismo, significaria aceitar no território nacional uma cabeça de praia política que serviria para que por esse canal penetrasse toda a propaganda política e os recursos da contra-revolução instalada em Miami e do próprio governo dos Estados Unidos. Seria um absurdo que, depois de quarenta anos de desenvolvimento independente e soberano, os cubanos, para satisfazer as demandas de alguns setores que se dizem "democratas conseqüentes", cedessem gratuitamente esse espaço à contra-revolução. Seria uma enorme ingenuidade política. A história já tem bastante, com a ingenuidade política[111] de Gorbachov, que levou ao desastre o campo socialista, para repetir-se o erro.

Quero esclarecer, no entanto, que estou falando da situação atual que vive o país. Se mudassem estas condições, se mudasse a correlação de forças em nível mundial, se o imperialismo chegasse a aceitar uma necessária convivência com regimes que não compartilham seu sistema de governo, nem sua concepção do mundo, esta situação poderia mudar. Se dentro de um certo tempo, em outra correlação mundial de forças, as massas cubanas pedissem a formação de outros partidos, penso que a direção cubana não se oporia a que se discutisse essa questão. Mas ninguém que tenha um mínimo de representatividade está pedindo hoje que se forme outro partido em Cuba.

Entretanto, penso que este partido único, que se inspira nas concepções martianas do Partido da Nação Cubana, não pode ser pensado hoje como um partido ope-

---

[111] A história dirá se foi ingenuidade ou traição.

rário camponês[112] exclusivamente, e sim como um partido de todos os trabalhadores, o que significa ter em conta expressamente este amplo setor de profissionais e técnicos formados pela revolução durante estes quarenta anos. É fundamental que se criem espaços de participação política específicos para estes setores, para que todo o seu potencial intelectual possa encontrar canais de expressão que lhes permitam contribuir com suas idéias e iniciativas para os grandes desafios com que a revolução se defronta hoje.

[112] Se usarmos esses termos em seu sentido clássico marxista: trabalhadores de fábricas e produtores agrícolas independentes, respectivamente.